

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO EM LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

FABRÍCIO FREITAS DOS SANTOS

UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING EM  
ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE PARNAÍBA – PI

PARNAÍBA - PI  
2011

Biblioteca UESPI - PHB  
Registro Nº M705  
CDD 303.62  
CUTTER S237a  
V EX 01  
Data 20 / 03 / 2012  
Visto Tamara

**FABRÍCIO FREITAS DOS SANTOS**

**UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING EM  
ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE PARNAÍBA – PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como um dos requisitos para obtenção do Título de Licenciado em Normal Superior.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Kelly Cristina Vaz de Carvalho

FABRÍCIO FREITAS DOS SANTOS

UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING EM  
ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE PARNAÍBA – PI

Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como um dos requisitos para obtenção do Título de Licenciado em Normal Superior.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

*Kelly Cristina Vez de Carvalho*

Prof.<sup>a</sup> Kelly Cristina Vez de Carvalho

Professora Orientadora

*Cleidivan Alves dos Santos*

Mcs. Cleidivan Alves dos Santos

Examinador interno (UESPI – Parnaíba)

*Maria Aurioneida Carvalho Fernandes*

Prof.<sup>a</sup> Especialista Maria Aurioneida Carvalho Fernandes

Examinador externo (FAP – Parnaíba)

### Catálogo na Fonte

Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

S237a SANTOS, Fabrício Freitas dos

Uma Análise Sobre o Papel da Escola Frente ao Bullying em Escolas Públicas Municipais da Cidade de Parnaíba-PI./ Fabrício Freitas dos Santos – Parnaíba, 2011. 67p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí, 2011.

Orientadora – Profª: Kelly Cristina Vaz de carvalho.

01. Bullying, 02. Escola, 03. Família, 04. Sociedade.

CDD – 303.62

Dedico este trabalho a todos que são ou foram  
vítimas de bullying no decorrer de suas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Jesus Cristo que me possibilitou a existência, e sempre esteve comigo me guardando para que nenhum mal me acontecesse ao me dar forças em todos os dias de minha vida.

Agradeço ao meu pai e a minha mãe por terem me ensinado a sempre lutar pelos meus sonhos, pelo imenso incentivo e apoio na conquista de meus objetivos, sem vocês comigo nessa trajetória, não teria chegado aonde cheguei.

Agradeço as minhas amadas irmãs Priscila e Vivianny, por me ajudarem, dando os estímulos para que eu não viesse a desistir da minha jornada como acadêmico.

Agradeço a minha doce esposa Diana pelo carinho e por sempre estar ao meu lado nos momentos em que precisei de compreensão, e palavras de estímulo para seguir em frente sem fraquejar.

Agradeço *in memoriam* ao pastor João Emílio, que por inúmeras vezes me estimulou a voltar a estudar, me dizendo que tudo podem me tirar menos o conhecimento.

Agradeço ao meu amigo/irmão Adriano que me incentivou durante esse percurso como acadêmico, me apoiando e me auxiliando quando precisei de sua ajuda.

Agradeço a Professora Kelly Vaz, pela dedicação, pela competência na orientação desta pesquisa, e pelos saberes compartilhado no percurso de elaboração deste trabalho que foram essenciais para a conquista deste resultado.

Agradeço a Direção das escolas por terem aberto suas portas para a realização dessa pesquisa.

Agradeço aos professores e professoras das escolas pela disponibilidade e pela grande e, indispensável contribuição.

Agradeço a todas as Professoras e Professores desta Universidade que passaram pela minha vida acadêmica e me ensinaram o verdadeiro sentido e a devida importância da palavra Educação.

Agradeço aos colegas de sala, em especial a Alice, ÉriSSa e a Eline que compartilharam as angústias, as dificuldades, as conquistas, as dúvidas, e os problemas encontrados durante o caminho que agora chegou ao fim.

Enfim, agradeço a todos, de coração, por terem me ajudado direta ou indiretamente durante minha graduação e na elaboração deste trabalho.

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.

(Provérbios, 22:6)

## RESUMO

A presente monografia tem como tema: Uma análise sobre o papel da escola frente ao bullying em escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba – PI. O objetivo geral foi analisar o papel dos gestores e professores frente ao bullying no ambiente escolar. Como objetivos específicos determinamos: caracterizar o processo do bullying no contexto escolar, conhecer os procedimentos usados pelos professores para evitá-lo e descobrir como a gestão deve agir para diminuí-lo significativamente. No processo de investigação foram feitas pesquisas teóricas e de campo. A pesquisa se baseou nos teóricos como: Fante e Pedra, Chalita, Rolim, Marchesi, Bandura, Silva e Middelton-Moz e Zawadski e outros. Na pesquisa de campo foram usados coletas de dados, questionários e roteiros de observação. O público alvo desta pesquisa foram alunos dos 4<sup>o</sup> e do 5<sup>o</sup> ano do ensino fundamental, gestor e professores. Relatamos aqui o conhecimento dos mesmos, as maneiras com as quais eles lidam e tentam solucionar tal processo, sugestões para evitar que o bullying seja praticado pelo menos dentro da escola e para amenizar os efeitos psicológicos destrutivos do bullying escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying, Escola, Família, Sociedade.



## ABSTRACT

This monograph has as its theme: An analysis of the role of school bullying in front of the public schools of the city of Parnaíba - PI. The overall objective was to analyze the role of managers and teachers against the bullying in school. How to determine specific objectives: to characterize the process of bullying in the school context, to understand the procedures used by teachers to avoid it and find out how the management should act to decrease significantly. In the process of research and theoretical investigations were made in the field. The research was based on theoretical as Fante and Pedra, Chalita, Rolim, Marchesi, Bandura, Silva and Middleton-Moz and Zawadski and others. In the field research were used, data collection, questionnaires and observation tours. The target of this research were students of the 4th and 5th grade of elementary school teachers and managers. We report here a knowledge of them, the ways in which they deal and try to solve this case, to avoid suggestions that bullying is practiced at least within the school and to mitigate the destructive psychological effects of school bullying.

**KEYWORDS:** Bullying, School, Family, Society.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. CAPÍTULO 1 - PERCURSOS METODOLÓGICO.....</b>	<b>12</b>
1.1 A pesquisa como ferramenta nos estudos.....	12
1.2 Natureza da pesquisa.....	13
1.3 Metodologia utilizada.....	14
1.3.1 A observação não participante.....	14
1.3.2 O questionário.....	15
1.4 Universo da pesquisa.....	16
1.5 Escolas pesquisadas.....	17
1.5.1 Escola Respeito.....	16
1.5.2 Escola Solidariedade.....	17
1.6 Sujeitos da pesquisa.....	18
1.6.1 O perfil dos alunos.....	18
1.6.2 O perfil dos professores observados.....	19
1.6.3 O perfil do gestor questionado.....	19
<b>2. CAPÍTULO 2 – BULLYNG E SEUS EFEITOS NO DECORRER DE SUA HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
2.1 Antecedentes históricos.....	20
2.2 Bullying no Brasil.....	22
2.3 Para entender o bullying.....	23
2.4 Como diferenciar o bullying de outros tipos de violência.....	24
2.5 Os tipos de bullying.....	25
2.6 Os personagens.....	26
2.6.1 Os Bullies ou Agressores.....	26
2.6.2 Os Alvos ou Vítimas.....	26
2.6.3 Os Espectadores ou Testemunhas.....	27
2.7 Consequências para os envolvidos em bullying escolar.....	28
2.8 Fundamentos jurídicos.....	31
2.9 Possíveis fatores explicativos da agressividade.....	32
<b>3. CAPÍTULO 3 - FAMÍLIA X ESCOLA X SOCIEDADE: FRENTE AO FENÔMENO BULLYING.....</b>	<b>34</b>

3.1 A família.....	34
3.2 A mídia e os jogos de videogames.....	37
3.3 A escola e o bullying.....	38
3.4 O bullying e os educadores.....	39
3.5 Estratégias de combate ao fenômeno bullying.....	42
<b>4. CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>44</b>
4.1 Análise e discussão do questionário aplicado com os professores.....	44
4.1.1 Definição do bullying escolar.....	45
4.1.2 Casos de bullying que aconteceram em sala de aula.....	45
4.1.3 Papel do professor em conflitos dentro e fora da sala de aula.....	48
4.1.4 Consequências que o bullying pode trazer para os alunos envolvidos.....	50
4.1.5 Reação do professor diante de casos de bullying.....	51
4.1.6 Atitudes dos professores que podem gerar bullying na sala de aula.....	53
4.1.7 Estudou sobre o bullying.....	55
4.2 Análise dos questionários aplicados com os alunos.....	55
4.2.1 Definição do bullying escolar.....	56
4.2.2 Atitudes agressivas, adotadas por um ou mais estudantes.....	56
4.2.3 Atitudes do professor ou gestor diante do bullying.....	56
4.2.4 Maus-tratos de vítimas do bullying.....	57
4.2.5 Maus-tratos dos agressores de bullying.....	57
4.2.6 Confissões de vítimas de bullying.....	58
4.3 Análise do questionário na visão do gestor.....	59
4.3.1 Definição do bullying escolar.....	59
4.3.2 Como evitar o bullying no espaço escolar.....	59
4.3.3 Ações referentes aos alunos envolvidos em casos de bullying.....	60
4.3.4 A escola frente ao aluno desistente da escola por causa da vitimização bullying.....	60
4.3.5 Conversa com os pais dos alunos envolvidos em bullying escolar.....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade ainda vivenciamos muitos impasses referentes à consolidação de uma cultura de paz, uma vez que, a violência marca todos os segmentos sociais, em especial o educacional. Assim, é um desafio para a geração deste século XXI compreender, intervir e anular as múltiplas causas que desagregam o homem.

A escola enquanto espaço de interação social, por excelência, comportam também no seu cotidiano relações de poder, e conseqüentemente jogos de interesses, embates ideológicos, psíquico cultural e em última instância pode comportar embates físicos entre os sujeitos escolares. A violência silenciosa no espaço escolar, conhecida como Fenômeno Bullying, é uma das questões preocupantes para os diversos sujeitos sociais no final do século XX.

Tal fenômeno tem ganhado lugar nas páginas jornalísticas em geral, muitos casos são evidenciados com progressiva intensidade nos espaços escolares envolvendo alunos de diferentes níveis e modalidades da educação.

Diante dessa problemática, faz-se necessário que os educadores estejam preparados para transmitir aos alunos a importância do respeito e ter conhecimentos sobre os direitos das crianças, ser o mediador de um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira coesa nas chamadas brincadeiras de mau gosto, e desta forma casos de bullying poderão não acontecer no interior da sala de aula.

Neste sentido, foi nossa intenção desenvolver o projeto de investigação educacional o qual teve como objetivo geral, analisar o papel dos profissionais de educação de duas escolas, na cidade de Parnaíba-PI, tem frente ao bullying no ambiente escolar. Como objetivos específicos, contemplamos os seguintes: caracterizar o processo do bullying no contexto escolar, conhecer os procedimentos usados pelos professores para evita-lo e descobrir como a gestão deve agir para diminuí-lo significativamente.

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2011 em duas escolas pública da cidade de Parnaíba-PI, as quais denominamos por meio de nomes fictícios “Respeito e Solidariedade”. Nestas instituições, observamos a metodologia de duas professoras do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, respectivamente. Para a coleta de dados utilizamos observações das aulas, aplicação de questionários referentes a gestora, aos educadores já citados anteriormente e por fim aos alunos. A pesquisa apresentada é de abordagem qualitativa.

A presente dissertação monográfica está dividida em quatro capítulos: o primeiro caracteriza o tipo de pesquisa utilizada, os sujeitos envolvidos e as técnicas usadas para a

realização da investigação. O segundo capítulo consiste no percurso teórico com base em estudos da temática em pauta, onde destacamos os antecedentes históricos; bullying no Brasil; para entender o bullying; como diferenciar o bullying de outros tipos de violência; os tipos de bullying; os personagens; as consequências para os envolvidos em bullying escolar; fundamentos jurídicos e possíveis fatores explicativos da agressividade. No terceiro capítulo ainda com base em alguns teóricos destacamos a família; a mídia e os jogos de videogames; a escola e o bullying; o bullying e os educadores e por fim estratégias de combate ao fenômeno bullying. No quarto capítulo, apresentamos a análise e discussão dos dados coletados com a gestora, os docentes e com os alunos.

Além das considerações finais, onde fizemos nossas conclusões a respeito do tema abordado, há ainda os apêndices (os quais trazem os modelos de questionários e o roteiro da entrevista executados durante a pesquisa) e os anexos (nos quais estão expostos termos de natureza concessiva e autoral). Esta monografia é indicada a estudantes de educação, bem como educadores da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e a todos aqueles que se preocupam em forma um mundo melhor.

CAPITULO 1  
PERCURSOS METODOLÓGICO



**BULLYING**  
**NÃO É**  
**BRINCADEIRA**



## CAPITULO 1

### PERCURSOS METODOLÓGICO

A pesquisa que realizamos, buscou responder algumas indagações surgidas durante as observações em escolas publicas da cidade de Parnaíba, no estado do Piauí, bem como em relação ao bullying como essa violência silenciosa se dá no ambiente escolar. Para Ferreira (2005, p.24), “a pesquisa constitui a busca, a investigação, a exploração, a inquietação movida pela necessidade de solucionar um problema” foi com esse intuito que fomos à busca de conhecimentos para melhor compreender e poder auxiliar no processo de ensino e aprendizagem através de uma cultura de paz dentro de nossas escolas.

Neste capítulo abordaremos o referencial metodológico da pesquisa aplicada, no qual trataremos o tipo de pesquisa escolhida e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Nossa abordagem neste campo tem o respaldo, dentre outros, de Severino (2007); Marconi e Lakatos (2010); Gil (2007) e Moreira e Caleffe (2006).

#### 1.1 A Pesquisa como Ferramenta nos Estudos

A pesquisa é muito utilizada pela sociedade moderna, principalmente nos meios acadêmicos, pois a mesma é fonte de resultados reais e significativos para a ciência. Marconi e Lakatos (2010, p. 43) conceituam a pesquisa como:

Um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos [...].

De acordo com as autoras, a pesquisa é um procedimento reflexivo e sistemático, que procura descobrir novos fatos ou dados nas mais diversas áreas de conhecimento, todavia, a pesquisa se inicia em virtude de algum problema ou indagação.

A pesquisa tem como objetivo “proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2007, p. 17). Esta é solicitada quando não se tem informação suficiente para solucionar os problemas, quando não tem argumentos ou respostas que justifiquem a situação. Para realizar uma pesquisa é preciso detectar o problema, utilizar métodos, técnicas até chegar aos resultados.

Ao ingressar no ensino superior, obviamente espera-se que o sujeito se profissionalize através de métodos e conteúdos e que se torne um cidadão crítico e reflexivo. No âmbito universitário, a educação se baseia em ensino, pesquisa e extensão. A respeito disso Severino (2007, p. 24) diz que “na Universidade, ensino, pesquisa e extensão efetivamente se articulam, mas a partir da pesquisa, ou seja: só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem e se nutrirem da pesquisa”. A pesquisa na Universidade é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem do indivíduo, o aluno precisa dela para aprender eficazmente, aprender significa construir o objeto, no entanto só se constrói o objeto se houver a pesquisa.

## 1.2 Natureza da Pesquisa

Em virtude da necessidade de investigar como a escola vê o fenômeno bullying no espaço escolar, utilizamos em nossa pesquisa o estudo de caso, de abordagem qualitativa.

Para Ponte (2006, p. 2) o estudo de caso é considerado como:

Uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para compreensão global de certo fenômeno de interesse.

Este tipo de pesquisa visa investigar um caso particular para descobrir informações significativas, procurando compreender ou descrever os resultados obtidos no contexto pesquisado mediante a coleta de dados. Para Severino (2007, p. 121) “[...] a coleta de dados e suas análises se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral”, onde o pesquisador não precisa intervir no contexto observado, mas procura conhecer como surge. Nossa pesquisa contemplou aspectos quantitativos, onde Oliveira (2007, p.37), diz que a mesma “é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Foi com esse intuito que conseguimos analisar a realidade presenciada, para melhor interpretar os dados coletados e sugerir sugestões para uma prática pedagógica atraente e significativa.



### 1.3 Metodologia Utilizada

De acordo com Ferreira (2005, p.25) metodologia é a “organização racional da investigação, de modo que torne o trabalho mais fácil, mais organizado, mais eficaz”, ou seja, é o meio mais preciso para atingir uma determinada meta. Pois o método vai direcionar para um trabalho bem estruturado e elaborado, conseguindo assim ações bem planejadas e conscientes que o pesquisador quer alcançar.

Para coletar dados foi necessário utilizar técnicas que conduziram à realização da pesquisa. Sendo assim, para alcançarmos nossos objetivos nesse estudo, utilizamos os seguintes instrumentos: a observação não participativa, e questionário, de modo a proporcionar as informações que pretendíamos conseguir.

#### 1.3.1 A Observação não Participante

Chizzotti (1991) afirma que a “observação pode ser participante e compreender a dinâmica dos atos e eventos, e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos”; mas no nosso caso aconteceu a observação não participativa, onde o observador presencia os fatos, mas não tem participação.

Para Severino (2007, p. 125) “a observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É a etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. Essa técnica de pesquisa necessita de um contato face a face entre o pesquisador e o que está sendo observado.

A observação é uma técnica utilizada para coletar dados que determina a realidade do contexto observado. Neste tipo de observação o pesquisador não se envolve com os participantes do estudo (MOREIRA E CALEFFE, 2006, p. 195). Isto é, o pesquisador não interage de forma alguma com os participantes, consiste apenas em observar o comportamento dos mesmos, fazendo-se de ouvinte para examinar os fatos ocorridos durante a investigação. Neste tipo de observação o papel do pesquisador é observar e registrar os dados necessários para obtenção de hipóteses acerca do problema pesquisado.

Foram observadas dez horas/aulas nas turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Essa técnica de coleta de dados possibilitou um contato com a realidade a pesquisada, focando como o bullying se dá nos ambientes observados.

Através da observação verificamos a realidade dos fatos, o comportamento dos participantes, o ambiente onde foram conduzidas as observações, etc. As observações se

deram por meio de anotações em um diário de bordo, nele constam o dia, a hora, o local e duração das observações.

### 1.3.2 O Questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados considerado popular, pela facilidade de ser aplicado pelo pesquisador. Nele deve conter um número de perguntas sobre o assunto que se pretende pesquisar, as quais o sujeito escolhido terá que responder. Nesse sentido Marconi e Lakatos (2010, p. 111) nos dizem que “o questionário deve ser constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. Portanto, tem como vantagem a ausência do pesquisador enquanto está sendo preenchido.

É importante enfatizar as instruções que Tartuce (2008, p. 51) revelam que, “o questionário deve esclarecer o propósito da aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento”. Pois ele é o resultado da elaboração e da aplicação de uma sequência de questões que devem ser respondidas por escrito pelo informante, logo, deve ser objetivo, limitado em extensão, acompanhado por uma carta explicativa com instruções. Na visão de Gil (2007, p. 115) “o questionário é umas das técnicas mais rápidas e baratas de se obter informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”.

Severino (2007, p. 125) ressalta que o questionário se caracteriza por ser:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Na elaboração do questionário é importante selecionar as perguntas mais relevantes com o assunto que se deseja pesquisar, estas devem ser claras e objetivas, pois facilitará a compreensão do entrevistado em transmitir seus conhecimentos. É importante também deixar claro para o informante o seu anonimato, para que este se sinta mais tranquilo ao responder as questões.

O questionário aplicado com a gestora contemplou cinco perguntas, sendo todas

abertas, que permitiu saber o que a diretora pensa a respeito de bullying no espaço escolar.

O questionário aplicado com os professores contemplou sete perguntas, sendo todas abertas, que permitiu conhecer o perfil e o trabalho executado por eles no que se refere ao bullying escolar.

O questionário dos alunos foi aplicado nas salas de aulas no último dia de observação, nele continha seis perguntas, sendo todas abertas, onde procuramos saber: a visão deles a respeito de bullying escolar. Ambos nos permitiram um profundo conhecimento para desenvolver este trabalho.

#### **1.4 Universo da Pesquisa**

As escolas da rede municipal investigadas receberam nessa pesquisa um nome fictício, pela qual passou a se chamar “Escola Respeito e Escola Solidariedade”, a fim de assegurar seu anonimato e resguardar seus direitos, como também o seu quadro de funcionários e alunos que pedimos que não se identificassem. As escolas trabalham do 1º ao 5º ano do Ensino fundamental no período diurno e trabalham com EJA – Educação de Jovens e Adultos, no período noturno, sendo que a investigação abrangerá apenas ao 4º e 5º ano do Ensino fundamental.

A pesquisa realizou-se em Parnaíba, possuindo uma população de mais de 146 mil habitantes, é dessa forma o segundo município mais populoso do Estado do Piauí. Constitui-se um dos quatro municípios litorâneos do Piauí além de Luís Correia, Cajueiro da Praia e Ilha Grande do Piauí.

Além das belezas naturais, Parnaíba apresenta um grande valor histórico para o Piauí, apresentando principalmente nas proximidades do Porto das Barcas inúmeros imóveis históricos que traduzem a importância de Parnaíba.

O turismo também vem se desenvolvendo no município graças ao Delta do Parnaíba. É de Parnaíba de onde saem as principais embarcações para visitar o Delta do Rio Parnaíba.

Parnaíba vem se tornando uma cidade universitária atraindo estudantes não somente de outras cidades do Piauí, mas também dos estados vizinhos, Ceará e Maranhão. Possuindo diversas instituições de ensino como: Universidade Federal do Piauí – UFPI, Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Faculdade Piauiense – FAP, Faculdade de Teologia do Brasil – FATEB, Instituto Nacional de Teologia Aplicada – INTA, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPI (antigo CEFET) e Escola Técnica Estadual Petronio

Portela – CEEP, oferecendo diversos cursos nas mais diversificadas áreas, contribuindo assim para muitas outras pesquisas neste município.

## **1.5 Escolas Pesquisadas**

### **1.5.1 Escola Respeito**

A Escola Respeito, uma instituição de serviço municipal, atendendo á clientela do ensino fundamental do 1º ao 5º ano e o EJA – Educação de Jovens e Adultos. Seu horário de funcionamento é de 7:00h ás 11:00h horas pela manhã, 13:00h ás 17:00h pela tarde e 18:30 ás 21:20 horas á noite. A instituição de ensino foi fundada em 03 de março de 1968.

A escola dispõe de uma infraestrutura física regular que precisa de alguns reparos, distribuídas em 05 salas de aulas pequenas e mal arejadas, 01 secretaria, que também funciona como sala de professores, 03 banheiros sendo que um deles funciona dentro da cantina, precisando de reparos bem como suas instalações sanitárias, não possui refeitório, porém possui 01 cantina, 01 depósito a qual serve para guardar (merenda e material didático) e 01 salão onde são realizados os eventos da escola.

Dentre os recursos disponibilizados na escola, dispõem de cinco mesas para os professores, cento e cinquenta e sete carteiras, sendo bem conservada, uma televisão, uma geladeira, um freezer, um fogão industrial, um aparelho de som, um aparelho de DVD, três armários de aço, um mimeógrafo, uma maquina copiadora, um microcomputador com impressora, na cantina, utensílios de cozinha próprios para atenderem às necessidades da escola.

O corpo pedagógico e administrativo da instituição é composto por onze professores com formação superior completa e pós-graduação, uma diretora titular e uma adjunta; uma supervisora; uma coordenadora; uma secretária e duas auxiliares com formação em Ensino Médio; três vigias também com Ensino Médio; cinco zeladoras com Ensino Fundamental e uma merendeira, com formação leiga.

### **1.5.2 Escola Solidariedade**

A Escola Solidariedade, uma instituição de serviço municipal, atendendo á clientela do ensino fundamental do 1º ao 5º ano Seu horário de funcionamento é de 7:00h ás

11:00h horas pela manhã, 13:00h às 17:00h pela tarde. A instituição de ensino foi fundada em 09 de fevereiro de 1971.

A Escola Campo de Pesquisa (ECP) possui dependências arejadas e espaçosas, portanto, bem ventiladas. O prédio consta das seguintes dependências: onze dependências internas, sendo cinco como salas de aula, uma de APE (Apoio Pedagógico Específico), a qual uma secretaria, onde também funciona diretoria, sala dos professores e uma cantina com depósito para merenda escolar e três banheiros.

Observamos que os banheiros de uso dos alunos deixam muito a desejar, pois o banheiro feminino é usado também como despeça, no entanto falta higiene nos mesmo.

O corpo pedagógico e administrativo é composto por treze docentes, sendo que um deles é coordenador do projeto mais educação e outro designado para a sala de APE, três vigias, três funcionárias para serviços gerais (copeira, merendeira e zeladora) uma secretária e uma diretora.

## **1.6 Sujeitos da Pesquisa**

Neste campo, mencionaremos os sujeitos questionados e observados na pesquisa. Contemplamos: dois professores da escola “Respeito” (titulares das turmas do 4º e 5º anos); dois professores da escola “Solidariedade” (titulares das turmas do 4º e 5º anos); uma gestora da Escola Respeito e com os alunos das turmas do 4º e 5º ano das duas escolas. Por questões éticas preferimos não identifica-los. Por isso, optamos pela utilização de pseudônimos na identificação dos sujeitos envolvidos.

### **1.6.1 O Perfil dos Alunos**

Os alunos envolvidos nesta pesquisa cursam o 4º e o 5º ano do Ensino Fundamental das escolas “Respeito e Solidariedade”. Os mesmos foram questionados sobre bullying escolar. Entre as duas turmas das respectivas escolas participaram do questionário trinta e dois alunos, sendo quatorze do 4º ano e doze do 5º ano. A faixa etária é de oito a dezesseis anos, sendo que no 4º ano (alunos de oito a dezesseis anos) a distorção de série idade é maior que do 5º ano (de dez a doze anos).

Trata-se de alunos que pertencem à classe baixa, que residem nas proximidades das escolas. Na sala de aula, o comportamento é flexível, hora são calmos, participam da aula dando suas opiniões, fazem as tarefas, e hora apresentam-se agitados, com conversas

paralelas. A relação entre eles é razoável, há momentos em que trocam insultos e ameaças, principalmente entre os meninos. Muitas vezes a professora precisa intervir para que os mesmos se respeitem.

Mas também pode se notar através de uma carta apresentada a professora do 5º ano do ensino fundamental da escola solidariedade que a casos de bullying entre meninas e os casos são tipo verbal. A mesma pode ser observada nos anexos .

### **1.6.2 O Perfil dos Professores Observados**

Os professores observados atuam, respectivamente, no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental das referidas escolas. Estes nos deram informações sobre sua formação acadêmica e o tempo de profissão através de uma conversa informal e através dos questionários ficamos sabendo como os mesmos veem o bullying no ambiente escolar.

Para resguardar a identidade dos envolvidos na pesquisa, as denominaremos, por “P1, P2, P3 e P4”. Os professores “P1 e P4” são graduados em Licenciatura Plena em Normal Superior. Eles já Lecionam há vinte anos nas séries iniciais são efetivos do município de Parnaíba. Já os professores “P2 e P3” são graduados em Licenciatura Plena em Pedagogia, lecionam a dois anos, atuando nas séries iniciais.

### **1.6.3 O Perfil do Gestor Questionado**

A diretora questionada atua, na escola “Respeito” já quase doze anos, sendo que a mesma passou dez anos exercendo a função de docente no 3º ano do ensino fundamental. E a pouco mais de dois anos exerce a função de gestora da referida escola. A Gestora questionada possui uma graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia e está se especializando em Gestão. Para resguardar a identidade da mesma o denominaremos, nesta pesquisa como G1.

Vale lembrar que a gestora referente à escola “Solidariedade” não aceitou participar da pesquisa.

## CAPITULO 2

### BULLYNG E SEUS EFEITOS NO DECORRER DE SUA HISTÓRIA



## CAPITULO 2

### FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA INVESTIGAÇÃO

A necessidade de estudar o bullying escolar em nossas escolas de Parnaíba tem como objetivo fazer com que o professor possa considerar o aluno sem perder de vista a globalidade dele, ou seja, considerando-o no sistema escolar sem esquecer que este aluno é também faz parte da sociedade.

Vale ressaltar que o bullying pode afastar os nossos alunos da escola, da família e até mesmo da sociedade, pois quando a criança sofre bullying automaticamente ela se retrai, ficando sozinha, pois sente medo de tudo e de todos, e às vezes tudo isso acontece porque simplesmente os pais ignoram a existência dos próprios filhos, não falam uma palavra de carinho, não fazem um gesto protetor ou até mesmo os pais não vão bem à relação e acabam não percebendo o que os filhos estão sentindo, se estão com algum problema na escola, na rua ou mesmo em casa.

Nesse capítulo apresentaremos a fundamentação teórica que fundamenta a investigação realizada nas escolas. E para entender esta fundamentação se faz necessário explicitar todo o contexto histórico do bullying.

#### **2.1 Antecedentes Históricos**

Os estudos sobre o bullying se iniciaram na Suécia, nos anos 70 onde grande parte da sociedade demonstrou um total interesse pelo tema devido os índices de violência vivenciados por estudantes e quais suas consequências no ambiente escolar. Esse mesmo interesse veio a contagiar todos os demais países escandinavos.

Mais de fato os estudos só tiveram início com as pesquisas de Dan Olweus, professor da universidade de Bergen, na Noruega no período de 1978 a 1993 com a campanha nacional antibullying nas escolas norueguesas.

No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações nas escolas sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse naquela época um interesse das instituições sobre o assunto. Somente na década de 80 o fenômeno bullying passou a ser objeto de atenção das autoridades educacionais, quando três alunos com a faixa etária de 10 a 14 anos, cometeram suicídio, devido aos maus tratos a qual eram submetidos por seus colegas de escola.

Olweus (1993) pesquisou inicialmente cerca de 80 mil estudantes, 300 a 400



professores e cerca de mil pais de alunos, em todas as séries de ensino. O objetivo fundamental da pesquisa sobre a prevenção do bullying foi avaliar a taxa de ocorrência e as formas pela qual o bullying se apresenta na vida escolar de crianças e adolescentes. Como os estudos de observação direta e indireta são demorados, o procedimento adotado foi uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do bullying, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, constituindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, no qual se verificou a frequência dos casos de bullying, tipos de agressões, locais de maior risco e percepções individuais quanto ao número de agressores (OLWEUS, 1993). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do bullying foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de bullying. Em 1993, Olweus publicou o livro “Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer” apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projeto de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas. Vale ressaltar que a criação dessa Campanha fez com que alguns países, como o Reino Unido, Espanha, Itália, Canadá, Portugal, Alemanha, Grécia, Estados Unidos e Grã-Bretanha também promovessem Campanhas contra o bullying.

Olweus propôs um programa de intervenção em meados da década de 90 que tinha como características principais desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o bullying, e prover apoio e proteção para vítimas. Com o sucesso da Campanha Nacional Antibullying realizada na Noruega, diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais podemos destacar o The Des Sheffield Bullying Project – UK, a campanha Antibullying nas escolas portuguesas e o programa de educação para a tolerância e prevenção da violência na Espanha, entre outros.

O bullying é um problema mundial que vem se disseminando largamente nos últimos anos e estima-se que de 5% a 35% de crianças em idade escolar estejam envolvidas de alguma forma em condutas agressivas em ambiente escolar, atuando como agressor ou

vítima.

Nos EUA, o Bullying é um tema de interesse de todo o país, pois o fenômeno é crescente, os índices são tão altos que os pesquisadores classificam com um fenômeno global e que permanecendo assim, será grande o número de futuros jovens adultos abusadores e delinquentes.

De acordo com dados da UNESCO (ONU), o Bullying não é exclusivo dos países escandinavos, a violência escolar tem atingido e aumentado na maioria dos países do mundo, dificultando o aprendizado dos alunos.

## **2.2 Bullying no Brasil**

No cenário brasileiro, o bullying vem ocorrendo nas escolas já durante um longo período, entretanto, ainda é pouco estudado e comentado. Em princípio tratava-se o bullying como brincadeira da idade, ainda assim, observasse pelos meios de comunicação casos que demandam a atenção e interferência conjunta do poder público em ação mais contundente por parte dos educadores. Apesar de muitos casos serem relatados, a sociedade civil parece não ter se apercebido dos prejuízos emocionais, físicos e psicológicos que o fenômeno tem causado a muitos alunos.

Fante (2005), afirma que no Brasil o bullying é pouco estudado, por isso não é possível comparar os índices da prática de bullying no âmbito escolar com outros países. A falta de estudos e pesquisas em relação ao fenômeno mencionado faz com que o Brasil apresente mais de quinze anos de atraso em relação à Europa.

Igualmente, a esse respeito destacamos as pesquisas realizadas no ano de 1997 pela Professora Marta Canfield, e seus colaboradores, a qual realizaram pesquisas em quatro escolas de ensino público em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul; a segunda pesquisa foi realizada pelos professores Israel Figueira e Carlos Neto no período de 2000 a 2001, em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (RJ), A terceira pesquisa “foi desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência - ABRAPIA”, no Estado de São Paulo. Os dados coletados revelaram que 40,5% dos alunos entrevistados disseram estar envolvidos em episódios de violência. De acordo com Fante (2005), a pesquisa também “demonstrou que o bullying em nossas escolas se encontra com um índice mais elevado do que os apresentados em países europeus”.

Foi devido a iniciativas como essas, que foi possível iniciar o mapeamento da violência escolar no Brasil.

### 2.3 Para Entender o Bullying

O termo bullying é derivado de uma palavra inglesa bully, que traduzida significa valentão, tirano. Esse termo, normalmente, ocorre nas relações interpessoais, em que há uma relação desigual de poder, uma vez que, um lado da relação será caracterizado por alguém que está em condições de exercer o seu poder, através da intimidação, humilhação, atitudes agressivas sobre outra pessoa ou até mesmo um grupo mais fraco.

De acordo com Fante (2005, p. 28), correspondem a um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações de todo gênero. Para a autora, essas atitudes caracterizam-se pela repetitividade, pelo desequilíbrio de poder e pela violência que geralmente acontece sem motivo aparente. Assim, define Bullying como:

[...] o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sobtensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

No Brasil, adota-se também este termo de forma geral, referindo-se aos comportamentos repetitivos, agressivos e muitas vezes dissimulados, apresentados por aquela criança que se considera “valentão” ou “tirano”. Pela própria repetitividade envolvida, o “valentão” exige uma vítima, geralmente indefesa, tímida, que sofre calada, não pede ajuda, submetendo-se à tirania do intimidador. As vítimas sofrem com essas atitudes agressivas e humilhantes, as quais lhes intimidam, impedem-nas de buscar ajuda e, pela posição de impotência em que as colocam, acarretam ou agravam sentimentos de baixa autoestima.

No âmbito da escola em muitos casos se apresenta de maneira silenciosa, ou seja, de maneira oculta, em outras situações acontecem de maneira aberta que envolve professores que agredem alunos, discentes que atacam professores e na maioria dos casos onde alunos atacam alunos tanto dentro da escola como fora do espaço escolar. Os agressores principalmente atacam os menos indefesos causando-lhes danos físicos, morais, emocionais, materiais e intelectuais.

As atitudes desses agressores sempre vêm acompanhadas de insultos, apelidos cruéis, agressões físicas ou não, fazem piadas ofensivas que magoam profundamente, aterrorizam, difamam, ridicularizações ou até mesmo atuações de grupos que hostilizam e buscado ‘menosprezar’ o outro visando a sua exclusão social.

Apesar de ser um fenômeno historicamente confirmado, ao longo do tempo têm se intensificado de forma exacerbada onde, embora seja considerado fato novo deve ser objeto de investigação e intervenção e nos últimos anos tem ultrapassado as barreiras da tolerância.

Para atacar, os bullies buscam sempre algumas características de suas vítimas referentes à: timidez, diferença de raça, religião, peso, estatura, inseguranças, ansiedade; nelas impõe sua autoridade através do medo, da força física ou de qualquer outra ordem de intimidação que na maioria dos casos não denuncia o agressor por medo de represália, conformismo ou vergonha de se expor perante os colegas.

## 2.4 Como Diferenciar o Bullying de Outros Tipos de Violência

Como já se sabe o bullying são comportamentos agressivos repetidamente contra uma ou mais vitima. Então como diferenciar este fenômeno de outro tipo de violência, sabemos que falar de violência e suas causas não são muito fáceis, por tanto vale lembrar que a violência não é cometida por uma pessoa só, mas sim por muitos.

A principal diferença do fenômeno bullying dos outros tipos de violência é a propriedade de causar traumas irreparáveis ao psiquismo das vítimas, comprometendo sua saúde física e mental e seu desenvolvimento socioeducacional.

Existe a violência branca, possibilita uma reflexão, mesmo quando não se conhece o seu agente causador.

A violência simbólica é usada em casa e no dia a dia, violência passiva deixa-se de fazer determinadas ações para evitar sofrimentos futuros e salva vida.

Existe também a violência doméstica, infantil e sexual, elas juntamente com o bullying, são as mais comuns. Segundo Rolim (2009 p. 31) ela diz que:

A violência diminuiria na medida em que a escola, igreja e sociedade em geral passarem a valorizar o direito à palavra, à democracia, e o ser humano como um cidadão em pleno poder de suas escolhas de pesquisar, analisar para saber se conhece alguém que pratica ou então é vítima.

É preciso que se tenham treinamentos para professores assim orientados eles, a saber, identificar o bullying em sala de aula ou mesmo na escola, na rua, e saber ajudar, as veze nos professores confundimos bullying com indisciplina e observamos que é diferente. Para Fante e Pedra (2008 p.42). “É necessário conhecer e reconhecer o fenômeno a fim de diferenciá-lo das brincadeiras ou atitudes inconsequentes da própria idade, além das demais formas de violência”.

Tomando Fante (2005) como base, nós professores temos que conhecer e saber fazer a diferença de bullying ou outro tipo de violência, por isso nós professores temos o devemos estudar e pesquisar sobre o assunto para sim entendermos melhor.

Por tanto é necessário que as pessoas tenham um pouco mais de liberdade para saber fazer suas escolhas, saber refletir sobre algo que está acontecendo e se juntar, para assim combater essa epidemia que persegue a escola, a rua e a família.

## **2.5 Os Tipos de Bullying**

O bullying, de acordo com Chalita (2008), pode ser dividido de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre agressores meninos. E as atitudes mais usadas pelos bullies são os insultos, xingamentos, apelidos ofensivos por um período prolongado, comentários racistas, agressões físicas empurrões, tapas, chutes, roubo, extorsão de dinheiro, estragar objetos dos colegas e obrigar a realização de atividades servis.

A indireta, por sua vez, é mais comum entre o sexo feminino, tendo como características atitudes que levam a vítima ao isolamento social, podendo acarretar maiores prejuízos, visto que pode gerar traumas irreversíveis ao agredido. O bullying indireto compreende atitudes de difamações, realização de fofocas e boatos cruéis, intrigas, rumores degradantes sobre a vítima e seus familiares e atitudes de indiferença.

Essas atitudes maldosas contribuem para expressar-se das mais variadas formas como as listadas a seguir:

### **Verbal**

Insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas.

### **Físico e Material**

Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar ou destruir os pertences das vítimas, jogar objetos contra as vítimas.

### **Psicológico e Moral**

Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar, chantagear, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, fazer fofocas.

### **Virtual**

São e-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vítima foram batizados de cyberbullying.

### **Bullying Homofóbico**

É o ato de submeter homossexuais a chacotas, humilhações, ameaças, perseguições e exclusões sociais, dentro e fora do espaço escolar.

## **2.6 Os Personagens**

Os personagens são todos aqueles que se envolvem como o bullying. Identificá-los é de fundamental importância. Aqueles que participam da violência dividem-se em agressores ou bullies, vítima ou alvos e espectadores, ou seja, as testemunhas.

### **2.6.1 Os Bullies ou Agressores**

Os agressores são os que vitimizam os mais fracos, humildes, diferentes, e podem ser de ambos os sexos. Geralmente já possuem traços e tendências para a maldade e desrespeito, associados ao poder de liderança, exercido pela imposição de autoridade respaldada na força física e por um insistente e intenso assédio psicológico que o destaca do grupo, transformando-o num “exemplo a ser seguido”. Junto aos seus “seguidores” o poder se multiplica, expandido o espaço de ação e a capacidade de atingir novas vítimas. Muitas das adesões ao grupo de agressores acontecem por pressão ou como estratégia de defesa, para não se tornarem vítimas, por medo de serem banidos ou perderem a popularidade.

Os bullies apresentam, desde muito cedo, resistência a seguir regras aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados, quase sempre estão envolvidos também em outros atos de contravenção e pequenos delitos como furtos, roubos ou vandalismo. Sentem necessidade de dominar e subjugar, de se impor por meio da força, de oprimir com seu poder e ameaças e de conseguir tudo a que se propõem.

São considerados malvados, duros, insensíveis, mostrando pouca simpatia para com suas vítimas e apresentando baixa resistência a frustrações. Seu desempenho escolar deixa a desejar, não por deficiência intelectual ou de aprendizagem, mas, por descaso e falta de foco nos estudos. Nos estágios iniciais muitos apresentam rendimentos normais ou até acima da média, o que configura essa afirmação.

### **2.6.2 Os alvos ou Vítimas**

As vítimas são todos que sofrem as agressões perpetradas pelos bullies. As pesquisas nos indicam uma divisão da categoria, pois, os estudiosos dos comportamentos

bullying identificam os grupos de envolvidos e classificam os tipos de papéis desempenhados no fenômeno, que são bem definidos.

**Vítima típica:** São aquelas que servem de “bode expiatório” para um grupo. Geralmente são os alunos que apresentam pouca ou nenhuma habilidade de socialização, são tímidas ou reservadas não conseguindo reagir às provocações e agressões dirigidas a elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente, apresentando deficiência de coordenação motora, extrema sensibilidade, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, ansiedade e aspectos depressivos. Podem ser aquelas que apresentam alguma diferença que as destaca dos outros como: são gordinhas ou muito magras, altas ou baixas demais; são de raça, cor, credo, condição socioeconômica ou opção sexual diferente. Enfim, qualquer coisa que as diferencie, fugindo dos padrões impostos por um determinado grupo ou indivíduo, pode ser motivo (sempre injustificável) para ser escolhida como alvo das agressões.

**Vítima provocadora:** São aquelas capazes de despertar em seus colegas reações agressiva contra si mesma e com as quais não consegue lidar com eficiência. Brigam ou discutem quando são insultadas ou atacadas, mas, de maneira ineficaz exacerbando ainda mais as agressões dos outros. As vítimas provocadoras são as que chamamos de “gênio ruim”. Nesse grupo podemos incluir as crianças e jovens hiperativos e impulsivos, imaturos, tolos, dispersivos e ofensores que acabam por criar um ambiente tenso ao seu redor, facilitando e chamando a atenção dos agressores reais que se aproveitam da situação para iniciar suas provocações sem mesmo serem percebidos ou responsabilizados.

**Vítima agressora:** A vítima agressora é aquela que diante dos maus tratos sofridos reage igualmente com agressividade ou reproduzindo-os como forma de compensação, procurando outro alvo ainda mais frágil para canalizar toda a sua insatisfação contida e reprimida pelas agressões anteriores. Essa tendência tem sido observada entre as vítimas que assim expandem os resultados, acionando o efeito cascata, aumentando o número de vítimas já tão volumoso. O círculo vicioso instalado contribui para que o bullying se transforme em um problema de difícil controle.

### 2.6.3 Os Espectadores ou Testemunhas

São aqueles que presenciam, testemunham o bullying, mas, não o praticam nem o sofrem. Sua característica principal é a de não tomarem nenhuma atitude para evitá-lo, não saindo em defesa da vítima e nem se juntando aos agressores. Podemos dividi-los em três

grupos:

**Espectadores passivos:** Os autores relatam que estes representam a maioria dos alunos que de alguma forma convivem com o problema, mas não se manifestam por medo de se tornarem os próximos alvos e recebem ameaças com gestos, olhares intimidadores e frases do tipo: “fique na sua, senão vamos atrás de você”. Decorrente disso prevalece à lei do silêncio.

**Espectadores ativos:** Apesar de não participarem ativamente dos ataques, incitam e estimulam os agressores com risadas e palavras de incentivos que os tornam mais agressivos e criativos em suas maldades por perceberem que estão agradando o público que os assiste. Às vezes são os verdadeiros articuladores, que tramaram tudo e agora assistem como espectadores e se divertem observando o acontecimento.

**Espectadores neutros:** São os que não demonstram nenhuma sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam. Quase sempre são crianças ou jovens oriundos de famílias desestruturadas, comunidades onde a violência é habitual, que convivem diariamente com cenas de crimes e desrespeito de todos os tipos e que são acometidos por uma passividade emocional em função do seu próprio contexto social.

De qualquer forma todos os envolvidos nas manifestações de bullying são afetados negativamente, sofrendo os efeitos e consequências imediatas ou tardias.

## 2.7 Consequências para os Envolvidos em Bullying Escolar

As consequências referentes ao bullying são variadas. Ao contrário do que muitos pensam, não é somente as vítimas do bullying que sofrem as consequências. Os agressores e as testemunhas também podem sofrer as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem.

De acordo com Fante (2005) as consequências relativas ao bullying são inúmeras, dependendo de como as vítimas recebem as agressões, de como reagem a seus agressores.

A esse respeito Fante (2005, p.44) comenta:

As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar.



Mas as vítimas do bullying não sofrem consequências somente em sua vida escolar, pois se analisarmos, esses alunos sofrem dificuldades acadêmicas devido a sua baixa autoestima, referente à sua saúde emocional abalada. Quem sofre com o bullying certamente se torna uma pessoa insegura, afirma Neto (2004). Ainda de acordo com Neto, as vítimas que tem a sua aparência rejeitada, é ofendido pelo seu tipo físico, conseqüentemente torna-se uma pessoa insegura quanto a sua aparência, temendo assim frequentar lugares públicos devido ao seu medo de sofrer rejeição.

Em se tratando de dificuldades emocionais, Marchesi (2006, p.82) afirma:

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir-se marginalizado e maltratado.

O fenômeno bullying em razão dos danos físico-emocionais que acarreta, passou a ser considerado como “problema de saúde pública”, devendo ser reconhecido e assistido por profissionais do ramo.

A superação dos traumas sofridos vai depender das características individuais de cada um e da sua habilidade em lidar com eles, de se relacionar consigo mesmo, com o meio social que o cerca e principalmente com sua família.

Podemos destacar como exemplos de danos às vítimas:

**Sintomas Psicossomáticos:** cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crises de asma, sudorese, tonturas, tensão muscular entre outras;

**Transtorno do Pânico:** caracteriza-se por medo intenso, infundado e sem motivo aparente, acompanhado de grande ansiedade e de uma série de sintomas físicos;

**Fobia Escolar:** caracterizada pelo medo intenso de frequentar a escola o que resulta em repetências por faltas, dificuldades de aprendizagem e evasão escolar;

**Fobia Social ou Transtorno de Ansiedade Social:** também conhecida por timidez patológica. O indivíduo teme se sentir o centro das atenções, ser julgado e avaliado, pode ainda apresentar gagueira e ter “brancos” quando tenta se comunicar;

**Transtorno de Ansiedade Generalizada:** faz a pessoa se preocupar com tudo ao seu redor, viver com pressa e ter a impressão de que algo de mal vai acontecer, geralmente sofrem de insônia e irritabilidade constante;

**Depressão:** trata-se de uma doença grave que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento em geral, trazendo uma sensação de tristeza, fraqueza contínua e de insatisfação com a vida.

Muitas vítimas de bullying, entretanto, são capazes de transformar a dor, as mágoas e o sofrimento em superação e conseguem apesar de todos os revezes, fazer a sua história e ser alguém de respeito e sucesso.

De acordo com Fante (2005), para os agressores ocorre o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, à supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, além da projeção de condutas violentas na vida adulta.

Em geral se evidenciam pela propensão a adotarem comportamentos delinquentes e a se relacionarem com seus pares de contravenções e crimes.

Suas ações se caracterizam num crescente de violência tais como: agressões sem motivo aparente; uso de drogas; porte ilegal de armas; furtos; indiferença à realidade que o cerca; não obediência às leis; formação de quadrilhas, grupos de extermínio e ausência de respeito pelo semelhante.

Já as testemunhas de atos de bullying, que abrange a maioria dos alunos, estes podem sentir-se inseguros e ansiosos, podendo desta forma comprometer o seu processo socioeducacional.

O bullying trata-se, portanto de um fenômeno comportamental, que atinge o ego de suas vítimas, envolve e vitimiza as crianças, tornando-as reféns da ansiedade e insegurança e que interfere negativamente nos seus processos de aprendizagem, devido à excessiva mobilização de emoção, medo, de angústia e raiva reprimida.

De todos os envolvidos com o bullying, os que sofrem as consequências mais marcantes segundo Neto (2004) são as vítimas.

Ainda a esse respeito Marchesi (2006, p.90) comenta que os maus tratos entre iguais são uma das condutas violentas que mais danos causam a determinados alunos, principalmente aqueles que são maltratados.

Além do que, as vítimas tem um grande medo de denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represália e por vergonha de admitir que esteja passando por situações humilhantes na escola.

Segundo a pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003 a maioria das agressões ocorreram no interior da sala de aula na presença do professor. Com este dado fica evidente a importância do papel do professor e suas ações perante a sala de aula. Acreditamos que para se combater ou prevenir o bullying na sala de aula não é necessário o conhecimento

do professor sobre o conceito de bullying, obviamente que se o professor conhecer o que é o bullying e suas consequências tudo será facilitado para se trabalhar a sua prevenção na sala de aula. O bullying, em um contexto geral nada mais do que uma forma de desrespeito ao próximo, de não aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar esses conceitos com seus alunos e para isso não é necessário que o professor saiba o que é o bullying.

O professor tem o dever de passar para os alunos a importância do respeito mútuo do diálogo, da justiça, da solidariedade, assim como trabalhar as diferenças e os direitos das crianças em sua sala de aula. Concluímos que um ambiente escolar favorável a todos certamente implicará em um bom desempenho escolar para todos os alunos.

## **2.8 Fundamentos Jurídicos**

Faz-se notório que a violência e a agressividade entre aluno X aluno é uma realidade no âmbito escolar e cresce de forma veloz. Diante dessa situação, os indivíduos podem se valer de mecanismos legais, como a Constituição Federal, Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Código Penal Brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Código de Defesa do Consumidor, para que seus direitos possam ser preservados.

Na Noruega, foi instituído em todas as escolas um programa que prevê, entre outras medidas, que devem ser tomadas em conjunto, a adoção de regras claras, a constituição de comissões antibullying nas escolas, a capacitação de docentes e demais profissionais para a intervenção, a realização de encontros com estudantes e pais de envolvidos, a aplicação de medidas de apoio às vítimas. Em Portugal, o bullying está sendo amplamente discutido e foi incluído no programa de educação para a Saúde associado à Saúde Mental e deve integrar o projeto educativo das escolas. Em muitos outros países programas estão sendo desenvolvidos nas escolas, bem como legislações específicas.

É o que vem ocorrendo em nosso país, em que inúmeros projetos de leis estão em discussão, em níveis municipais e estaduais e várias leis já estão em vigor. Em nível federal, um projeto de lei já foi aprovado pela Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado e pela Comissão de Educação, na Câmara dos Deputados em Brasília. Será analisado, ainda, de forma conclusiva, pelas comissões de Finanças e Tributação e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

De acordo com as leis as escolas devem instituir programas preventivos, compostos por um conjunto de ações que visem reduzir o problema e incentivar a cultura de paz. Dentre as ações, podemos citar: capacitação de docentes e equipe pedagógica para o

diagnóstico, intervenção e encaminhamento de casos; formação de equipe multiprofissional para estudos e atendimentos de casos; envolvimento da comunidade escolar pais, docentes, discentes, equipe pedagógica nas discussões e desenvolvimento de ações preventivas; estabelecimento de regras claras sobre o bullying no Regimento Interno Escolar; orientação às vítimas e seus familiares; encaminhamento de vítimas e agressores e seus familiares aos serviços de assistência médica, psicológica, social e jurídica; orientação aos agressores e seus familiares sobre as consequências dos atos praticados e aplicação de medidas educativas capazes de mudanças comportamentais significativas; parceria com a família dos envolvidos na resolução dos casos; implantação de sistema de registro de casos e procedimentos adotados, desenvolvimento de atividades que promovam a cidadania e a cultura de paz, dentre outras.

A proposta de lei federal apresenta como diferencial das demais, que além das escolas, clubes de recreação sejam obrigados a adotar medidas de conscientização, prevenção, diagnóstica e combate ao bullying. Apresenta também alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Apesar das iniciativas serem de extrema relevância social, nota-se que muitas das leis ainda são “letras mortas”. O Estado de Santa Catarina segundo estado brasileiro a legislar sobre o tema se converteu em exemplo no combate ao bullying, promovendo junto às escolas públicas e privadas, discussões e orientações em seminários regionais; distribuição de materiais educativos direcionados aos estudantes através de histórias em gibi, docentes e familiares, uma parceria entre a Assembleia Legislativa, Escola do Legislativo, e o Ministério Público Estadual.

## **2.9 Possíveis Fatores Explicativos da Agressividade**

As causas desse tipo de comportamento, segundo os estudos de especialistas, devem-se à carência afetiva, falta de limites e ao tipo de educação que receberam dos pais, comumente práticas educativas baseadas em maus tratos físicos com explosões emocionais violentas.

Os agressores têm necessidade de reproduzir em outros as violências sofridas tanto em casa quanto na escola, como forma de se fazer notado e de exercer autoridade, já que esta foi a única maneira que lhe foi ensinada de lidar com suas inseguranças, de se auto afirmar e de obter reconhecimento e satisfação pessoal.

Outra causa que deve ser citada é a ausência de modelos educativos que

evidenciem e estimulem para uma convivência pacífica e para o crescimento moral e espiritual, fatores indispensáveis para o desenvolvimento sadio e como suporte da auto superação na vida.

As referências e os valores que norteiam os comportamentos individuais e as ações educativas entraram em crise, pois seguem os mesmos rumos dos sistemas sociais, culturais, econômicos e familiares que reproduzem a visão de mundo que refletem. As transformações que foram ocorrendo muito rapidamente em todos os setores, influenciaram no surgimento de novos parâmetros, valores e referências, fazendo com que os modelos ideológicos se esvaziassem deixando os pais e educadores um tanto confusos e inseguros em suas ações que diretamente afetam o fazer educativo. Com isso, os valores humanísticos foram sendo esquecidos, contribuindo para o direcionamento do educando ao caminho da intolerância, expressada principalmente, pela não aceitação das diferenças pessoais inerentes a todos os seres humanos.

Por essa razão, o bullying frequentemente se inicia com a recusa de aceitação de uma diferença notória envolvendo raça, religião, condição econômica, alguma deficiência física, diferença de ordem psicológica ou sexual ou ligada a aspectos como força, coragem, habilidades esportivas ou intelectuais. A percepção dessas diferenças aflora no agressor, conflitos pessoais de convivência e as formas de resoluções utilizadas vão ser aquelas aprendidas por meio dos modelos educativos a que foi submetido.

Nesse contexto, as famílias ocupam um lugar de destaque, já que é o primeiro núcleo social a que a criança está ligada. A família é importante, pois é a partir dela que se estruturam as bases da personalidade, um espaço onde se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e quando são incorporados os primeiros valores psicossociais.

Ideias propagadas na mídia também são um incentivo ao bullying e exercem nos jovens influências negativas, concorrendo com pais e educadores na primazia educativa dos mesmos. Ao se depararem frequentemente com notícias de crimes, guerras, mortes e receberem informações intensas e contínuas por meio da cultura televisiva, dos universos da propaganda, internet, música, consumo, drogas, podem embotar sua consciência crítica e passar a perceber a violência como algo normal banalizando-a e tornando-se insensíveis a ela.

Um ponto a ser lembrado é o poder de influência dos amigos e grupos sobre os adolescentes, representando grande desafio aos adultos envolvidos no seu processo de educação. É preciso estar apto para entender os motivos que os levam à formação dos grupos e os caminhos pelos quais esses grupos exercem tão poderosa influência na mente e comportamento de seus membros.

## CAPITULO 3

# FAMILIA X ESCOLA X SOCIEDADE: FRENTE AO FENÔMENO BULLYING



## CAPITULO 3

### FAMILIA X ESCOLA X SOCIEDADE: FRENTE AO FENÔMENO BULLYING

Nesse capítulo apresentamos como a família a mídia e os jogos de videogames podem influenciar na conduta dos bullies. Posteriormente falaremos como a escola e educadores são de suma importância para acabar com essa cultura silenciosa dentro de nossas escolas, desenvolvendo estratégias para uma cultura de paz no espaço escolar.

#### 3.1 A Família

As atitudes violentas e agressivas que a criança manifesta na escola se dá, entre outros fatores, ao modelo familiar conforme foi criado. O comportamento agressivo se dá ao tipo de estímulo a que a criança ficou exposto desde cedo, pelas maneiras de correção; pela intimidação que sofreu; pelo modo como seus defeitos foram apontados; por comparações; descasos; e pela forma que aprendeu a conviver com suas emoções.

Não podemos nos esquecer de que a imitação é o método mais antigo, sendo utilizado pelas gerações ao longo do tempo. As crianças imitam os adultos e reproduzem em suas relações sociais as aprendizagens adquiridas, sejam positivas ou negativas.

A este respeito Bandura (1987) refere que a maior parte da aprendizagem humana consiste numa aprendizagem por observação. Ao dar ênfase à aprendizagem observacional, refere que quando as crianças veem um comportamento agressivo nos outros, principalmente em indivíduos que elas admiram e quando verificam que esses comportamentos produzem resultados “positivos” tendem a imita-los e a adotar um comportamento agressivo, em circunstâncias semelhantes.

É através da família que a criança necessita aprender a se relacionar com outras pessoas, respeitar e reconhecer as diferenças individuais. A família deve construir um modelo positivo para a criança, pois as primeiras experiências surgem através da relação de amor com o pai e mãe e esses modelos são decisivos no processo sócio educacional da criança.

A relação afetiva entre pais e filhos repercute na formação da personalidade do indivíduo. Um bom relacionamento afetivo, em que o carinho e o amor se evidencia no trato com a criança, criará registros altamente positivos em sua memória, fortalecendo a autoestima e a autoconfiança. Por outro lado, um relacionamento marcado pela falta de afetividade positiva e pelos maus-tratos físicos ou verbais influenciará o indivíduo, determinando seu desempenho social e sua capacidade de adaptação às normas de convivência,

bem como sua habilidade de integração social. Portanto, as raízes do comportamento agressivo estão fincadas na infância, sendo o modelo de identificação familiar o elemento fundamental para a sua compreensão. (FANTE, 2005, p.175).

Pais despreparados para educarem seus filhos, muitas vezes tomam atitudes achando ser corretas e acaba prejudicando a criança sem ao menos ter a consciência do mau que está fazendo. Mas não são poucos os pais que preparam e incentivam seus filhos a recorrerem à violência como uma forma de se defenderem.

De acordo com Fante (2005, p.177):

O comportamento agressivo e violento de muitos pais para com os filhos geralmente se expressa pela punição ou violência física (bater, beliscar, empurrar, chutar) e pela violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras, desfazer, comparar, caçoar). Entretanto, outras formas de violência como o abandono, a negligência, a violência sexual e a violência fatal são componentes da violência doméstica, e suas consequências são extremamente perniciosas na vida de uma criança.

Muito se culpa os atos agressivos das crianças, mas desconhece-se a origem do problema. Crianças que são agressivas têm uma causa de ser, geralmente convivem em um ambiente contaminado onde a discórdia e as brigas prevalecem pais separados, drogados, alcoólatras, ou até mesmo, pais que ensinam seus filhos a se tornarem violentos.

O fenômeno bullying na família é um problema cruel. Todo o tempo pessoas estão sendo vítimas, ele pode ocorrer como forma de abuso emocional, mental e físico. As consequências do bullying familiar estão em evidência o tempo todo, lotando hospitais, delegacias, serviços sociais, entre outros recursos.

Crianças cansadas de verem e sofrerem abusos acabam confundidos com o significado de respeito e amor. Para eles, o respeito não passa de medo e quando recebem amor confundem com abuso.

Fante (2005, p.183) ressalta:

A violência familiar deve ser denunciada não somente pelas vítimas, como também pelos espectadores. Entretanto são raros os que denunciam. O Estatuto da Criança e do Adolescente obriga a denúncia de casos suspeitos e propõe linhas de ensino, pesquisa, assistência e serviços à comunidade.

A violência familiar se dá entre vários fatores, podendo destacar alguns como os maus tratos e modelo educativo familiar, métodos educativos ambíguos, desestruturação familiar e a falta de tempo para com os filhos.



De acordo com a autora espanhola Fuensanta Cerezo (apud FANTE, 2005, p.176):

Os fatores responsáveis pela maior incidência no desenvolvimento de condutas agressivas nas crianças são os relativos às práticas de agressividade sofridas na primeira infância, especialmente os castigos físicos. Pensasse que pais agressivos formam filhos agressivos, porém as influências dos pais são mais complexas e profundas. Poucos são os pais que educam, conscientemente, seus filhos para serem agressivos ou violentos. Entretanto, não são poucos os pais que incentivam seus filhos a resolverem seus conflitos recorrendo à violência. Ainda segundo a autora, referindo-se aos estudos desenvolvidos pelo pesquisador Feshbach, não há nenhuma outra conduta agressiva que está estreitamente relacionada com o tipo de castigo; primeiro castigo físico; depois, o verbal.

O fator muito importante que deve ser ressaltado são as consequências que a violência psicológica traz às vítimas, ela é considerada a mais trivial, mas não menos fácil de ser identificada. Ela se manifesta de diferentes maneiras, quando pais criticam; estabelecem comparações; chama a atenção publicamente; cobra tarefas incapazes de serem realizadas com a força física apresentada; ameaças de abandono; o isolamento; desvalorização; negligência.

Segundo Laci (apud FANTE, 2005, p.180):

O abuso psicológico também inclui as atitudes de terrorismo que muitos pais adotam para ser obedecidos. Essas atitudes se manifestam por meio da instalação de um clima de medo, de constantes ameaças, chantagens ou castigos assustadores, e suas consequências são muito prejudiciais, uma vez que na criança surge o sentimento de que ela vive num mundo hostil e perigoso e nele não existe nada e ninguém que possa confiar. Muitas dessas, na idade adulta, passam a adotar comportamentos violentos para se defenderem.

Algumas crianças e jovens de hoje não respeitam seus pais, apenas sentem medo. Mas esta educação que eles querem estabelecer aos filhos é considerada por eles, a maneira correta, pois foi a que receberam.

Se o modelo educativo que passarem aos filhos for positivo, o indivíduo produzirá autoestima, autoconfiança e alta capacidade de superação na vida.

Segundo Levisky (apud FANTE, 2005, p.184):

Na família existe uma cultura da violência como forma de educação. Essa cultura violenta está estreitamente relacionada à ideia de que os filhos são propriedades dos pais, que têm sobre eles o direito de vida e morte. Comumente presenciamos mãe ou pai que maltratam publicamente seus filhos, sem qualquer punição e sem contar com a ação da comunidade em sua defesa.

Com a ideia de os filhos serem uma propriedade, pais na tentativa de educarem seus filhos na maneira que acham ser a mais correta, utilizam de métodos agressivos e acabam prejudicando-os.

### 3.2 A Mídia e os Jogos de Videogames

Especial atenção tem que ser dada ao papel e a forma de atuação dos meios de comunicação (TVs, rádio, revistas, Internet, etc...) com grande poder de influenciar mentes e formar opinião. O avanço tecnológico tem trazido aos homens benefícios incalculáveis, em contra partida, se mal utilizado traz grandes prejuízos à sociedade. Os programas televisivos fazem parte desse contexto, com a exceção de alguns programas jornalísticos e educativos, somos bombardeados a todo o momento por imagens mensagens que de maneira virtual assumem o lugar do real e do imaginário, a televisão atua como transmissora de valores e formadora de opinião pública.

Os meios de comunicação comportam uma multiplicidade de usos e fins. Há diferentes usos que pode ser dada à mensagem televisiva, de forma negativa ela pode induzir a juventude ao consumismo, seduzir o público indicando modelos e criando novos comportamentos, ou por outro lado, de forma positiva ela pode orientar a conduta e prestar esclarecimento.

Entretanto conforme esclarece Fante (2003), estudos realizados entre 1991 a 1998 por psicanalistas e psiquiatras revelam que “a televisão interfere de maneira prejudicial sobre a criança e o adolescente desencadeando patologias [...] existe uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento e não só dos adolescentes, mas de toda a sociedade (FANTE p.30)”. Isto porque filmes, novelas ou fotonovelas, jogos de videogames, programas jornalísticos sensacionalistas apresentam a violência como algo “naturalizado”, imediato, cotidiano e frequente onde o “violento” é o mais forte que sempre consegue se impor sobre os demais. São frequentes as transmissões de imagens de diferentes tipos de violência com cenas de brutalidade, de assassinatos, torturas, sequestros, tiroteios, tráfico de armas e de drogas, alguns momentos apresentados de forma acrítica leva a perda da capacidade de sensibilização. No entanto, sem o processo de análise crítica do conteúdo televisivo crianças e adolescentes rapidamente captam e apreendem as diferentes “imagens da violência”. Nesse sentido, Fante (2003) esclarece que esse emaranhado de influências incide diretamente nos comportamentos de nossas crianças, jovens e adolescentes que tomam como

modelo esse tipo de orientação imediata para resolver seus problemas, neste caso, o diálogo como recurso eficaz será desconsiderado.

### 3.3 A Escola e o Bullying

A escola sempre foi vista como um ambiente saudável, seguro, onde se busca a educação formal, o conhecimento e a preparação das novas gerações para o enfrentamento da vida em sociedade como verdadeiros cidadãos. Até bem pouco tempo, esse era o valor maior imputado à escola. Hoje, o seu papel vem mudando drasticamente, ultrapassando sua função acadêmica e passando a responder também pelas relações interpessoais, formação do caráter, comportamento, áreas de desenvolvimento tão fundamentais ao crescimento dos jovens.

Como bem explica Silva (2010, p. 63):

Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.

Para que isso venha a acontecer é preciso que todos os profissionais da educação, assim como os pais, estejam preparados para lidar com a diversidade de questões que envolvem as crianças e jovens atualmente. Se a violência observada no ambiente exterior à escola já a atinge, ainda mais a que acontece no seu próprio interior, pois sabemos que infelizmente, o modelo de mundo externo é reproduzido dentro da escola fazendo com que deixe de ser um lugar seguro e confortável.

As escolas mais atentas e preocupadas com as mudanças globais já se preparam, iniciando processos inovadores de reformas, modificando não somente sua organização como também os conteúdos programáticos, métodos de ensino e estudo e principalmente a mentalidade da educação formal, para poderem dar conta dos novos desafios que se apresentam.

É necessário que toda a comunidade escolar tome consciência de que o bullying existe e é altamente prejudicial quando instalado, para que possam buscar formas de contê-lo e saná-lo atuando junto às crianças individualmente ou em grupos, nas mais variadas situações. As intervenções podem e devem acontecer em todos os locais frequentados pelos alunos tanto dentro como fora do ambiente escolar.

### 3.4 O Bullying e os Educadores

De acordo com Basso (1998), o educador caracteriza-se por ser um mediador entre o aluno e sua formação e as esferas da vida social. Recorrendo ao dicionário, encontra-se que a palavra educar vem do latim *educare*, por sua vez ligada ao verbo *educere*, composto pelo prefixo *ex* (fora) mais *ducere* (conduzir, levar), e significa, literalmente, conduzir para fora, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. E que mundo é esse do qual se fala? Como é possível um educador conduzir tantas crianças e adolescentes para esse mundo?

Em tempos de supervalorização da quantidade de conhecimento acumulado, visando a carreiras técnicas ou aprovações em vestibulares, a qualidade das relações escolares fica, na maioria dos casos, em segundo plano. Por outro lado, os pais recorrem à escola como se fosse à única responsável pela educação de seus filhos e entregam a ela, e a seus educadores, a tarefa de formar suas crianças e adolescentes enquanto cidadãos conscientes de direitos e deveres, configurando uma das principais contradições de que falam muitos educadores, à qual Hargreaves (2003, p. 36) se refere com clareza:

O ensino é uma profissão paradoxal. De todos os trabalhos que são ou aspiram a ser profissões, só do ensino se espera que crie as habilidades humanas e as capacidades que permitirão aos indivíduos e às organizações sobreviver e ter êxito na sociedade do conhecimento de hoje. Dos professores, mais do que de qualquer outro profissional, espera-se que construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a mudança que são essenciais para a prosperidade econômica. Ao mesmo tempo, espera-se que os professores mitiguem e equilibrem muitos dos imensos problemas que a sociedade do conhecimento cria, tais como o consumismo excessivo, a perda da comunidade e o incremento da distância entre ricos e pobres. De alguma forma, os professores devem tentar alcançar essas metas aparentemente contraditórias de forma simultânea. Esse é seu paradoxo profissional.

Ainda que a idade, o sexo e o tempo de experiência influenciem a atividade educativa, as mudanças na sociedade e na família, as crescentes exigências sociais, a qualidade das relações entre os membros da comunidade escolar, as constantes reformas dos sistemas educativos e as novas competências exigidas dos professores exercem maior impacto sobre seu trabalho, também contribuindo para as dificuldades envolvidas na tarefa pedagógica. Assim, os desafios para assegurar uma boa convivência nos espaços educativos em que se constatam agressões entre os alunos e entre eles e os professores configuram um fator de tensões com o qual esses profissionais têm de lidar. Tome-se como exemplo a realidade de Portugal ou a da Espanha, onde um em cada cinco estudantes já foi vítima de

violência dentro de sua escola (CHALITA, 2007). Ou ainda a do Brasil, onde, em 2007, uma professora teve seus cabelos queimados por um aluno, e, em 2008, uma educadora teve queimaduras nas pernas, por sentar na carteira em que um estudante havia, propositalmente, colocado supercola (CHERUBINI, 2007, SOUZA, 2008).

O bullying se apresenta como um componente particularmente prejudicial à prática docente, uma vez que envolve as relações em sala de aula e o cotidiano escolar em uma atmosfera de desrespeito, tensão e medo. Não obstante, como ressaltam Nogueira (2005), Middleton-Moz e Zawadski (2007) e Pupo (2007), os educadores têm despendido poucos esforços para o seu estudo sistemático, apesar de terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Até recentemente, poucas instituições de ensino reconheciam nessa forma de violência uma ameaça importante contra crianças, professores ou funcionários, sendo mais comum ignorar o comportamento e torcer para que acabasse as faltas às aulas, o baixo rendimento escolar, os problemas de concentração e de relacionamento social.

Uma das razões para a pouca importância dada ao bullying era a confusão feita entre esse fenômeno e as brincadeiras infantis, de modo que, quando uma criança ou jovem se queixava de ser humilhado ou perseguido, por exemplo, os responsáveis tendiam a interpretar como brincadeira, dizendo que aquele era um comportamento passageiro, recomendando que a vítima não ligasse. No entanto, como destacam vários autores, o bullying é uma soma de comportamentos intencionais e repetitivos, ou seja, são premeditados e não são passageiros (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007; FANTE, 2003). O resultado é um sentimento de inferioridade diante dos demais colegas, muito diferente da sensação de prazer possibilitada pela brincadeira. Além disso, o bullying não pode ser considerado brincadeira, visto que, como afirma Robles (2007, p. 10),

A brincadeira é uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança.

Como alerta Nogueira (2005), outro aspecto a ser considerado pelos educadores é a necessidade de se promover a orientação, a conscientização e a discussão a respeito do assunto, atentando para o fato de que nem toda briga ou discussão pode ser rotulada como violência. O conflito saudável e a troca de ideias diferentes são extremamente positivos e necessários ao aprendizado. Souza et al. (2007) e Nogueira (2005) afirmam que, quando se identifica um autor e uma vítima de bullying, ambos devem ser orientados. É preciso saber a importância de reconhecer as peculiaridades físicas e afetivo-emocionais de crianças e

adolescentes e incentivá-los a desenvolver e aceitar, antes de tudo, suas próprias diferenças, que os constituem seres únicos. Esse é um trabalho da família, sim, mas também papel importantíssimo da escola e dos educadores, que precisam desenvolver atividades baseadas “na cooperação, participação, iniciativa e criatividade dos alunos” (SOUZA et al., 2007, p. 3).

Ao estudar o fenômeno, Chalita (2007) afirma que alguns educadores optam por um reducionismo psicológico, sugerindo que a solução para o bullying está em tratar a vítima e o agressor por meio de terapia individual, sem envolvimento da comunidade escolar. Para eles, não vale a pena falar sobre o assunto na escola, pois dessa forma estariam estimulando sua ocorrência, na contramão dos estudos que se empenham em mostrar que essas posições além de não favorecerem a resolução dos problemas, são potencializadoras de novos casos.

Em pesquisa sobre o efeito da violência no aprendizado nas escolas de Recife, Duarte (2006) defende que a problemática da violência escolar não deve ser desvinculada dos altos índices de pobreza e desamparo político em que vive grande parte da sociedade brasileira. A perpetuação da exclusão econômica, cultural, afetiva, entre outras, é fruto de uma ordem social que vem passando por intensa competitividade oriunda do capitalismo. Em coerência com essa abordagem, Beaudoin e Taylor (2006, p. 26) apontam a necessidade de compreender o contexto de vida das pessoas envolvidas, dado que “os pensamentos dos indivíduos geralmente estão sujeitos a um filtro cultural daquilo que é aceitável num contexto específico”.

Contudo, longe de atuar nessa perspectiva mais compreensiva, o que se percebe é uma inadequação das práticas docentes para lidar com problemas como a violência, fruto da falta de orientação no contexto escolar e mesmo nas formações inicial e continuada. De acordo com Camacho (2007), os professores estão mais preocupados em cumprir suas funções didáticas e atender à necessidade de completar o cronograma de matérias e tarefas, ainda que os problemas resultantes da dinâmica social em que se insere a escola comprometam seus objetivos. De acordo com Fante e Pedra (2008), um exemplo do despreparo dos educadores é o fato de alguns deles chegarem a reproduzir preconceitos e discriminações, fazendo piadas, imitações, insinuações e brincadeiras com os alunos fora das salas de aula. Os autores referem que a prática de bullying por funcionários da escola e outros educadores contra alunos ocorre mais do que se imagina, configurada na perseguição, intimidação, coação e acusação. Afirmam que os educadores:

Comparam alunos, constrangem, chamam a atenção deles publicamente, mostram preferência a determinados alunos em detrimento de outros,

humilham. Rebaixam a autoestima e capacidade cognitiva, agridem verbal e oralmente, fazem comentários depreciativos, preconceituosos e indecorosos (FANTE e PEDRA, 2008, p. 45).

Em contrapartida, muitos educadores também são ameaçados, perseguidos e humilhados por alunos ou colegas de trabalho. De acordo com Fante e Pedra (2008), é grande o número de profissionais que sofrem o bullying em seu ambiente de trabalho, sem saberem o que fazer ou a quem recorrer. Muitos têm medo de procurar a direção da escola e de ser mal interpretados, taxados de incompetentes, por não saberem lidar com os problemas da sala de aula; ou, ainda, evitam correr o risco de os escolares ou seus pais dizerem que tudo não passou de “brincadeira”, que ele é sensível demais.

Dados a complexidade do problema e os comprometimentos advindos dessa forma de violência, tanto para o espaço educativo quanto, principalmente, para muitos alunos nele inseridos, e considerando a necessidade de se preencher a lacuna dos estudos a respeito do que pensam os educadores sobre as características, os efeitos e as formas de enfrentamento do bullying na escola, desenvolveu-se uma pesquisa cujos passos e resultados são apresentados a seguir.

### **3.5 Estratégias de Combate ao Fenômeno Bullying**

Por ser o bullying, antes de tudo, uma forma específica de violência, deve ser identificado e tratado como um problema social complexo, de difícil solução e de responsabilidade de toda a sociedade.

À família cabe a responsabilidade de criar e educar os filhos com carinho, evitando o distanciamento entre pais e filhos, ocasionado pelos intensos apelos a uma vida consumista e individualista, próprios do sistema social vigente, que os faz correr atrás desses objetivos em detrimento do convívio familiar saudável. A relação entre pais e filhos é primordial para a formação da personalidade do indivíduo, por isso quanto mais revestida de afeto mais registros positivos ele criará em sua memória.

Como registra Fante (2005, p.175) “Portanto, as raízes do comportamento agressivo estão fincadas na infância, sendo o modelo de identificação familiar o elemento fundamental para sua compreensão”.

A escola pode e deve atuar de forma fundamental na redução desse problema, mas, é de suma importância trabalhar em parceria com as famílias dos alunos e com os setores da sociedade que, hoje em dia, lutam para diminuir a violência como, por exemplo, Conselhos

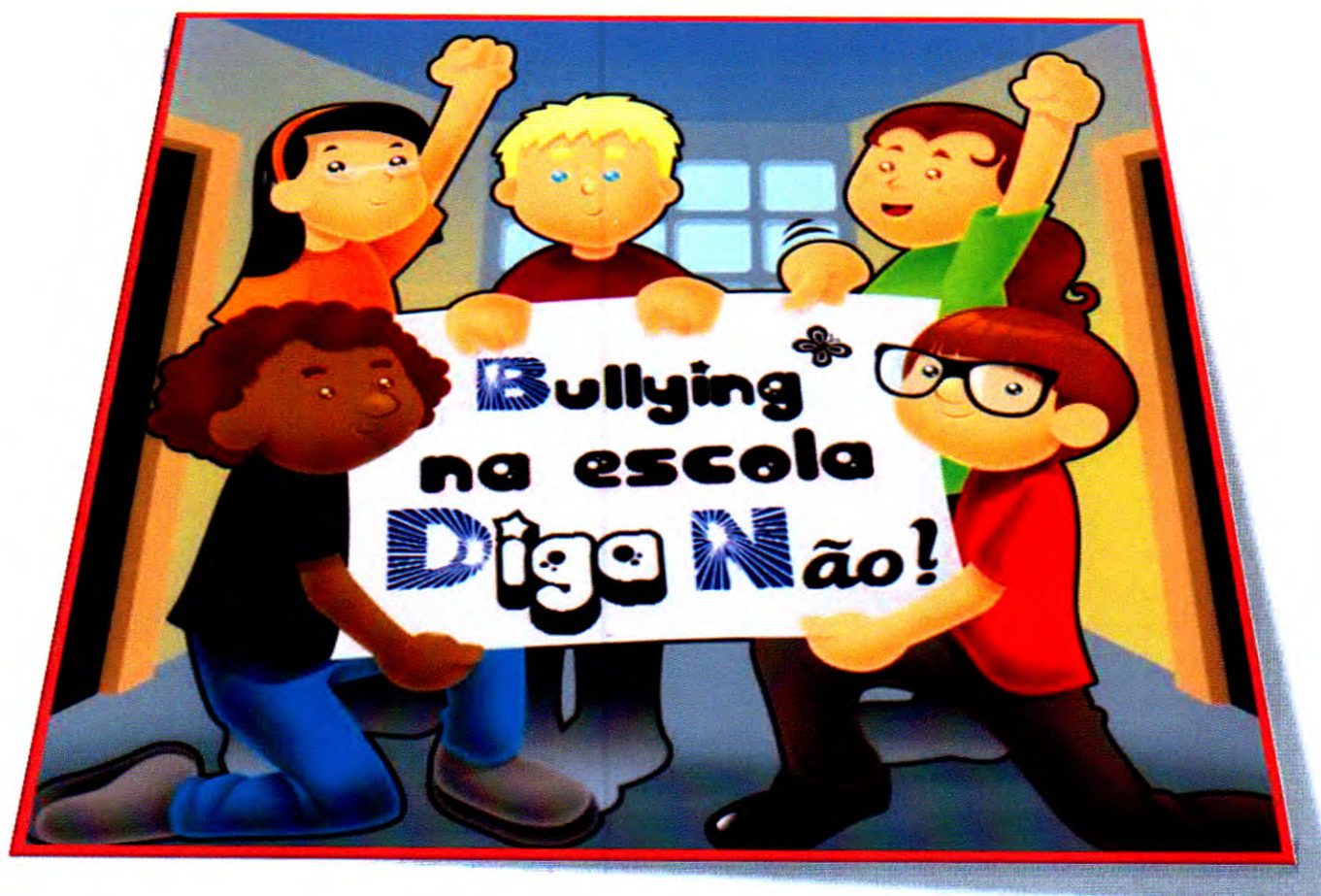
Tutelares, Delegacias da Criança e do Adolescente, Promotoria Pública, Varas da Infância e Juventude.

Outro passo importante para as escolas é capacitar seus profissionais para o reconhecimento e enfrentamento do bullying, com intervenções e encaminhamentos adequados a cada caso, programas e formas variadas de prevenção, fatores decisivos para o combate bem sucedido à violência que afetam nossas escolas hoje em dia.



## CAPITULO 4

### ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA



## CAPITULO 4

### ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

O manuseio dos objetos e equipamentos e a coleta de dados passam a ser vistas, por professores e alunos, como as atividades mais importantes. Sobra muito pouco tempo e esforço para refletir e tentar ajudar os alunos a compreender o significado e implicações das observações que fizeram e resultados que obtiveram (Borges, 2002).

Neste capítulo iremos apresentar e examinar os dados coletados durante a pesquisa, por meio das observações e dos questionários, ratificando assim a finalidade deste projeto, a qual foi investigar a visão que gestor, professores e alunos tem no que se refere ao fenômeno bullying.

Para obtermos as informações ao tema pesquisado, tivemos a permissão das diretoras das escolas “Respeito” e “Solidariedade”, bem como a colaboração dos professores envolvidos, garantindo assim clareza e precisão nos dados coletados. Por questões éticas, bem como com intuito de preservar os sujeitos envolvidos na pesquisa, usaremos nomes fictícios para caracterizar a escola, a gestora, os professores e os alunos.

A pesquisa teve início com a observação da prática pedagógica dos professores. Entregamos um questionário para a gestora da escola “Respeito” e por fim aplicamos um questionário com os alunos das respectivas escolas comentadas.

Nessa perspectiva a coleta de dados foi satisfatória para nosso estudo, e para facilitar o entendimento, apresentamos os resultados e suas respectivas análises, por meio das categorias abaixo:

- Análise do questionário aplicado com as professoras;
- Análise dos questionários aplicados com os alunos;
- Análise do questionário aplicado com a gestora.

#### **4.1 Análise e Discussão do Questionário Aplicado com os Professores**

Fizemos uso neste trabalho de um questionário com quatro professores que visou aspectos relevantes ao perfil das mesmas no que diz respeito à sua formação acadêmica, à quantidade de anos que atuam na área da educação e como suas aulas se direcionam ao tema estudado. A seguir apresentaremos as seguintes categorias:

#### 4.1.1 Definição do bullying escolar

Quanto às respostas obtidas a respeito do conceito de bullying tivemos as seguintes:

**P1** - É uma forma de agressão física ou verbal repetida por alunos, para intimidar ou humilhar um colega.

**P2** - Agressão física ou moral.

**P3** - Bullying são agressões físicas ou verbais, e o mesmo pode ocorrer, nos mais variados espaços, no entanto é comum presenciarmos essas agressões no ambiente escolar.

**P4** - São os apelidos que os alunos dão uns aos outros que ferem e sempre estão relacionados a algum defeito aparente.

Podemos analisar as respostas dos professores de maneiras diferentes, mas de fato percebemos que todos os professores tem uma concepção do que seja bullying. Porém, o educador P1 foi o que mais se familiarizou com a questão abordada, concebendo o bullying como “uma forma de agressão física ou verbal repetida por alunos, para intimidar ou humilhar um colega”.

#### 4.1.2 Casos de bullying que aconteceram em sala de aula

Segundo Fante e Pedra (2008), a observação nas relações interpessoais é o primeiro procedimento que o professor deve adotar. Nas primeiras três semanas de aula o fenômeno já se torna perceptível. Baseados nesta concepção, perguntamos aos professores se em suas aulas já ocorreram casos de bullying, bem como que comentassem brevemente como se procedeu aos casos dentro da sala de aula. Os mesmos apresentaram as seguintes respostas:

**P1** - Sim, já aconteceu e quando acontece eu procuro em seguida interferir e conversar com a classe.

Durante o tempo de permanência na sala do **PROFESSOR P1** não foi possível identificar casos de bullying, somente conflitos entre as crianças, brigas esporádicas comuns entre as crianças em uma sala de aula, porém o professor se mostrou um docente totalmente

presente, não permitindo tais brigas, conversando com a classe e explicando o que é certo e o que é errado. Os alunos tem um grande respeito pelo o educador, que raramente se mostrou um docente autoritário, porém, quando necessário fala com firmeza aos alunos e eles obedecem logo em seguida.

**P2** - Percebo esses apelidos na minha aula, até vejo que eles não gostam, mas, pra falar a verdade não me preocupo muito, pois sei que se a gente fala alguma coisa eles obedecem na hora e depois fazem tudo de novo.

De acordo com as observações realizadas pelo pesquisador, pode-se observar que o **PROFESSOR P2** é um docente que procura não se envolver muito com seus alunos, segundo ele, em uma conversa informal com o pesquisador, disse não se preocupar muito mais, pois quer se aposentar e só está preocupado em cumprir o papel de ensinar. Mostrou-se um excelente professor no que se diz respeito aos conteúdos a serem passados para os alunos, porém se mostrou distante com respeito a problemas que ocorrem no interior da sala de aula. Durante o tempo de permanência do pesquisador na sala de aula, foi possível identificar \*casos de bullying na sala de aula, que segundo as crianças já acontecem há muito tempo. Foi possível identificar uma situação muito comum nas salas de aula.

## RELATO

Um pequeno grupo ofende verbalmente três alunos, que são amigos, por estes estarem acima do peso e tirarem boas notas. O **PROFESSOR P2** não toma grandes atitudes, somente grita e ameaça os alunos agressores, porém, passado um pequeno espaço de tempo, as ofensas tomam a acontecer. Em nenhum momento fez com que os alunos refletissem sobre o acontecido.

**P3** - Acredito que estão sempre acontecendo, faz parte do desenvolvimento infantil essas brincadeiras, não há uma sala de aula que não tenham alunos engraçadinhos fazendo piadas com os colegas, principalmente com os que se comportam diferente, com os que tiram boas notas, com os gordinhos e os mais aplicados.

O **PROFESSOR P3** em resposta a essa questão afirmou que esse tipo de brincadeira, ou seja, o bullying faz parte do desenvolvimento infantil, ou seja, ela acredita ser comum as crianças ofenderem umas as outras. Isso mostra que esse docente não tem o

mínimo de conhecimento sobre as consequências que o bullying pode acarretar na vida afetiva e acadêmica dos alunos envolvidos. Durante as observações em sua sala de aula foi possível identificar casos de bullying e sua única postura foi pedir de uma maneira autoritária para que os alunos envolvidos parassem com a brincadeira, na qual voltou a acontecer várias vezes durante a aula. Em nenhum momento fez com que os alunos refletissem sobre o acontecido.

### **RELATO**

Na sala de aula do **PROFESSOR P3** há um aluno que possui muitas dificuldades no aprendizado, apesar de estar na 4<sup>o</sup> série, este aluno possui dificuldades na escrita, interpretação de exercícios e também nas operações matemáticas. O **PROFESSOR P3**, além das atividades diárias em sala de aula (este aluno não consegue fazer as atividades, seu caderno está praticamente vazio) faz com que este aluno faça exercícios de alfabetização, cabíveis a uma criança da 2<sup>o</sup> série do ensino fundamental. Todos da sala sabem que este aluno possui dificuldades de aprendizado, e um grupo composto por quatro meninos caçoam sempre deste aluno, chamando-o de “burro”, “anta”. O aluno fica muito triste e desestimulado para fazer as tarefas. O **PROFESSOR P3** somente pede para que os garotos parem com a brincadeira, sem fazer com que reflitam o certo e o errado de se tratar um amigo de sala de aula. O **PROFESSOR P3** tem o hábito de chamar a atenção deste aluno que possui dificuldades em voz alta, o chamando de preguiçoso, “não faz a lição por que não quer”, deixando este ainda mais constrangido perante os colegas.

**P4** - Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupo de alunos que “pega pra Cristo” dois ou três alunos e perturbam os coitados do começo ao fim do ano. Por mais que tento acabar com essas brincadeiras, elas tornam a acontecer, mas de uma maneira geral não permito, acabo com elas rapidinho.

De acordo com as observações realizadas na sala da **PROFESSORA P4**, foi possível identificar alguns casos de bullying. A mesma se mostra muito exigente com os autores das brincadeiras, pede a todo o momento para que eles encerrem as brincadeiras, se mostra muito presente e preocupado com a vítima, mas em nenhum momento durante as observações ele fez com que os autores refletissem sobre o que estavam fazendo, mantendo um diálogo com os alunos, apenas ordenou que parassem as brincadeiras, e assim fez por muitas e muitas vezes.

## RELATO

Um pequeno grupo de alunos, composto somente por meninos, em qualquer oportunidade, seja esta quando a professora se ausenta da sala de aula, ou quando está passando a matéria na lousa, caçoam de uma aluna que está acima do peso, fazem piadas, riem quando ela se pronuncia. Com as observações foi possível verificar que esta aluna tem muito medo de se pronunciar por medo de ouvir as piadas sobre sua pessoa, porém, segundo a **PROFESSORA P4** esta é uma excelente aluna.

Neste caso o bullying não afetou a vida escolar da vítima, porém ela é uma criança que quase não conversa, tem medo de se pronunciar na sala de aula e quase que toda a permanência na escola ela se isola e não quer conversar com nenhum outro aluno, praticamente não possui amigos.

Com a análise dessa segunda questão já é possível ressaltar que o professor tem um papel fundamental na prevenção e combate ao bullying na sala de aula, pois na sala de aula em que a professora se mostra ausente e não interfere nas brincadeiras maldosas, o bullying está presente.

### 4.1.3 Papel do professor em conflitos dentro e fora da sala de aula

Quanto ao papel do professor em mediar conflitos dentro e fora da sala, os mesmos responderam da seguinte maneira:

**P1** – Devemos trabalhar o respeito ao próximo, a aceitação do (ser diferente). Um ambiente acolhedor de solidariedade, justiça e respeito (professor/aluno), certamente ensinarão todos esses preceitos à criança”.

**P2** - O professor antes de tudo tem que ser educador e conciliador.

**P3** - O docente tem um papel fundamental no combate ao bullying, o mesmo deve orientar seus alunos o que é bullying, quais as suas consequências, para que os alunos percebam a importância do respeito dentro e fora do contexto escolar.

**P4** - Sempre procuro ensinar a todos que se respeitem, pois todos possuem qualidades, e respeito e que antes de tirar alguma brincadeira de mau gosto que primeiro se ponha no lugar daquele que esta sendo ofendido.

O que se pode analisar em cada resposta foi que os educadores têm a consciência

de que eles são fundamentais no processo de formação dos futuros cidadãos, o professor tem que ser um exemplo de pessoa que não deve de maneira alguma resolver os conflitos usando a violência.

Para que o bullying não aconteça no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto dos alunos. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor.

Por mais que o professor seja presente e trabalhe com seus alunos o respeito mútuo, o diálogo, a justiça e a solidariedade, em uma sala de aula, com 28, 30 alunos é quase que impossível que não aja conflitos entre as crianças. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998) faz uma importante reflexão sobre o papel do professor diante de casos de bullying.

[...] deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito frequente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes [...]

Segue afirmando qual deve ser a atitude docente:

[...] não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes [...].

Porém, o discurso docente tem de ser coerente com a sua prática pedagógica, pois de nada adianta passar um ensinamento ético para seus alunos e agir de forma contrária a esses ensinamentos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), as atitudes respeitadas devem partir do professor, pois estas atitudes serão vistas como modelo, principalmente pelas crianças menores.

#### 4.1.4 Consequências que o bullying pode trazer para os alunos envolvidos

Ao indagarmos os professores sobre o que eles acham a respeito das consequências dos envolvidos em casos de bullying dentro da escola, eles apresentaram as seguintes justificativas:

**P1** - Acredito que as crianças que são maltratadas pelos outros alunos, que são rejeitadas por serem diferentes dos demais podem sofrer consequências psicológicas e em alguns casos podem sofrer consequências nos estudos.

De acordo com as respostas obtidas nos questionários e pelas observações realizadas pelo pesquisador pôde-se constatar que o **PROFESSOR P1** tem a percepção dos males que o bullying pode gerar nos alunos envolvidos. Como já foi discutido, em sua sala de aula não pode se observar casos de bullying, apenas conflitos comuns entre as crianças, o qual ela intervém de maneira eficaz e sem autoritarismo. Não permite ofensas pessoais de aluno para aluno no interior da sala de aula, conversando sempre com as crianças, mantendo um bom diálogo com os alunos, fazendo que estes reflitam sobre os seus atos.

**P2** - Podem trazer sim, pois quando acontece à gente percebe que os alunos ficam tristes, alguns até choram e não querem mais estudar, mas o que adianta a gente tentar interferir, eles param na hora e depois fazem tudo de novo. É um esforço em vão que eu parei de fazer.

Embora o **PROFESSOR P2** tem a consciência dos males que o bullying pode gerar nos alunos envolvidos e em sua resposta até cita exemplos de como as crianças atingidas se comportam, ela simplesmente não os corrige, não intervém em nenhum momento de uma forma eficaz. Isso vem mostrar que o autoritarismo por si só não é eficaz, pode até ocasionar um certo medo momentâneo nos alunos, porém estes tornam a repetir as ofensas com os colegas de sala por muitas e muitas vezes.

**P3** - Depende do aluno, se as brincadeiras forem mais pesadas, que ofende o ego, acredito que as consequências podem ser graves, mas se as brincadeiras forem comuns a crianças acredito que não, esse tipo de brincadeira faz parte de toda sala



de aula.

O **PROFESSOR P3** novamente vem afirmar que existem brincadeiras comuns em todas as salas de aula, como ela não exemplificou não se pode dizer se está falando de casos de bullying ou não. Quando disse “brincadeiras mais pesadas, que ofende ao ego”, esta se referindo ao bullying, com isso se conclui que ele tem a plena consciência dos males que o bullying pode gerar em suas vítimas, porém suas atitudes perante os alunos não retrata essa realidade, pois é um docente que lida com as dificuldades no cotidiano escolar de uma forma autoritária, quase não dialoga com seus alunos, sendo os momentos de conversa com os alunos muito raros.

**P4** - Com certeza, pois quando eu era criança eu passei por isso, era muito visada por ser gordinha, na frente dos meus colegas eu fingia que nem ligava, mas em casa, no meu quarto eu ficava me olhando no espelho e me sentindo a pessoa mais feia e gorda do mundo. Mas graças a Deus não carreguei isso comigo por muito tempo, isso vai de cada pessoa, de cada criação, por isso acredito que as consequências variam de pessoa para pessoa, mas elas existem sim.

Como já foi dito anteriormente, a **PROFESSORA P4** se mostra muito preocupada com a vítima do bullying, conversa com a aluna, pede para que esta não se importe com as “brincadeiras”, a todo o momento ordena o fim das mesmas, porém em nenhum momento faz com que os autores reflitam sobre suas ações, mantendo um diálogo com eles, pois quando falamos em autores estamos nos referindo a crianças de 8 e 16 anos de idade. Em um primeiro instante os alunos a obedecem, pois esta mantém um bom relacionamento com as crianças. Ela também tem a consciência de que o bullying pode acarretar consequências para as suas vítimas, por já ter sido uma vítima, e acredita que as consequências variam de pessoas para pessoa, de acordo como a pessoa lida com a situação.

Todas os professores de um certo modo acreditam que a ocorrência de bullying podem gerar algum tipo de consequência para suas vítimas, sejam elas psicológicas ou consequências nos estudos, como o mal desempenho escolar.

#### 4.1.5 Reação do professor diante de casos de bullying

Esta questão refere-se à opinião dos docentes com relação à reação diante de

casos de bullying na sala, ou seja, como eles julgam correto agir ao se depararem com essas situações.

**P1** – A reação do professor deve contribuir para que o aluno que cometeu as ofensas contra o colega não as repita novamente, por isso é muito importante que o professor tenha o domínio do diálogo com seus alunos, sendo que estes entendam a importância de se ter uma boa convivência na classe.

O educador **P1** além de concordar que o professor deve ter uma postura diante do problema faz uma referência de como deve ser essa postura, falando da importância do diálogo e ressaltando que o professor não deve somente ter qualquer postura, a atitude docente tem que contribuir para a reflexão dos alunos envolvidos, de forma que essas atitudes agressivas não se repitam.

**P2** – O certo é o professor não permitir de forma alguma que essas brincadeiras aconteçam na classe, mas, durante a minha experiência profissional sempre achei muito difícil controlar as atitudes dos alunos. A gente fala, mas logo depois eles fazem tudo de novo.

O educador **P2** também concorda que o professor deve tomar uma atitude com relação a casos de bullying, porém não cita em nenhum momento como deve ser essa atitude em relação ao problema. Ainda com relação à atitude docente, de acordo com as observações, o educador **P2** simplesmente repreende o aluno causador da ofensa, dando a chamada “bronca”, porém não explica para o aluno o porquê foi repreendido.

**P3** – Se eu vejo que a brincadeira foi longe demais aí sim procuro intervir e fazer com que ela cesse.

Em nenhum momento durante as observações foi possível notar uma postura do professor **P3** com relação às “brincadeiras” citadas anteriormente. De uma maneira autoritária ordena para que os alunos cessem as brincadeiras através de gritos com os mesmos. Em nenhum momento se mostrou preocupada com os alunos receptores das ofensas. Simplesmente não queria ter sua aula interrompida pelas tais brincadeiras, que anteriormente já citou como comum nas salas de aula, na sua concepção essas “brincadeiras fazem parte do

cotidiano escolar e do desenvolvimento infantil”.

**P4** – Acho que o professor tem que se impor diante da classe e não permitir as brincadeiras que realmente ofendem. Não dá pra evitar todas as brincadeiras, pois estamos falando de crianças de 8 e 16 anos, mas o professor não pode permitir o bullying.

A **professora P4** realmente tenta de alguma forma prevenir e combater o bullying na sala de aula, porém ao se exaltar devido às ofensas, ela simplesmente repreende os alunos causadores e não faz com que estes reflitam sobre os seus atos.

#### **4.1.6 Atitudes dos professores que podem gerar bullying na sala de aula**

Esta é uma questão muito importante para a presente pesquisa, pois através dela, o professor irá refletir além de tudo sobre os seus atos, não só em função de prevenir ou combater o bullying, e sim refletir que a atitude docente também pode gerar o bullying na sala de aula.

**P1** – Com certeza sim, pois os alunos tendem a imitar os professores, por isso o professor tem que tomar muito cuidado com que faz na frente dos alunos, como se remeter a eles, como falar uma nota de prova, pois a gente que é professor sabe como são as crianças, qualquer oportunidade basta para tirar sarro do amigo.

O **PROFESSOR P1**, de acordo com a análise de sua resposta ao questionário e das observações de sua prática docente, tem a consciência de que as atitudes por parte do professor podem gerar bullying na sala de aula e além de intervir de uma maneira positiva nas brincadeiras ofensivas que podem se tornar bullying, esta procura ter atitude de igualdade para com todos os alunos, não demonstrando preferência e nem tampouco isolando os alunos. A atenção dada é igual para com todos os alunos, tanto para os rotulados como bons alunos tanto para os mais ativos, que gostam de conversar nas aulas, os que não fazem o dever corretamente.

**P2** – Acho que não, porque as crianças usam de apelidos que o professor jamais usou em sala de aula para se referirem ao colega. A única atitude do professor

nesse caso é chamar a atenção dos alunos e isso, acredito eu, não gera bullying.

O **PROFESSOR P2** já acredita que a atitude docente não implica no aparecimento de bullying na sala de aula. Porém ela não percebe que muitas das brincadeiras ofensivas que ocorrem no interior de sua sala de aula são decorrentes de suas atitudes perante os alunos.

**P3** – Percebo que o educador em hipótese alguma gera bullying na sala de aula.

O **PROFESSOR P3** afirma que as atitudes docentes não geram o bullying na sala de aula. Porém, de acordo com as observações, um dos casos de bullying que ocorrem em sua sala (descrito na Questão 2), a vítima, chamada de burro por alguns colegas, por não ter um desempenho escolar satisfatório, muitas vezes é repreendido pela professora, na frente dos demais por não conseguir resolver as lições.

Inconscientemente, ela reforça o apelido, pois em vez de incentivá-lo a aprender, ensinando-o exercício, o **PROFESSOR P3** repreende o mesmo, afirmando que já explicou o exercício e que é obrigação do aluno fazê-lo corretamente, chamando muitas vezes de preguiçoso. O que este educador ainda não percebeu em sua profissão, é que realmente há alunos com facilidade no aprendizado e outros já apresentam uma dificuldade maior, em que o papel do professor é fundamental no bom desempenho dos alunos e também tem o papel de descobrir porque certos alunos apresentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e assim auxiliá-los da melhor maneira possível.

**P4** – Acho que sim, pois muitas vezes os alunos repetem para os colegas a forma como o professor tratou determinado aluno, principalmente na hora das chamadas de atenção o professor tem que ser muito cauteloso.

Como foi dito na resposta da **PROFESSORA P4**, os alunos tendem a repetir a forma como os professores se remetem aos seus alunos, e dependendo de como o professor se remete ao aluno, este pode sim, se tornar uma vítima de bullying. Durante as observações, os casos de bullying ocorrentes na sala de aula da **PROFESSORA P4** não são provenientes da maneira como esta trata os alunos, mas como foi descrito na análise da Questão 2, os casos de bullying existem nesta sala de aula devido a falta de dialogo e postura por parte da professora, que deseja que o bullying cesse em sua sala de aula, porem ainda não encontrou uma maneira

#### **4.2.1 Definição do bullying escolar**

Quanto às respostas obtidas a respeito do conceito de bullying tivemos as seguintes:

**A1** - São brigas entre alunos, que colocam apelidos.

**A2** - É quando uma pessoa é maltratada, humilhada na escola.

**A3** - É quando alguém sofre preconceito dentro da escola.

**A4** - É uma forma de preconceito, na maioria das vezes com alunos esforçados, deficientes ou diferentes. Esses preconceitos afetam muitos alunos psicologicamente.

De acordo com as respostas dos alunos observa-se que a maioria das crianças tem o conhecimento do que seja bullying escolar, alguns confundem, mas uma grande maioria sabe e conhece, mas mesmo conhecendo a grande maioria pratica e se envolve como o bullying.

Com base nesse depoimento cabe aos educadores, pais estarem conversando com as crianças, com os jovens que o bullying esta presente em todos os lugares que possam imaginar.

#### **3.2.2 Atitudes agressivas, adotadas por um ou mais estudantes**

**A1** - Sim, eles batem nos outros, xingam as mães.

**A2** - Sim um amigo meu é muito humilhado e xingado quase todos os dias.

**A3** - Sim, alunos apelidam o outro que é tímido.

**A4** - Sim algumas vezes, aconteceram discursões e brincadeiras chegaram a ser evidentes o bullying.

De acordo com as respostas obtidas pelos alunos, ficou evidente que o bullying esta muito frequente na vida escolar dessas crianças e isso pode gerar um baixo rendimento escolar e mais lá na frente poderá esta prejudicando no lado emocional, psicológico.

#### **3.2.3 Atitudes do professor ou gestor diante do bullying**

**A1** - Sim, chamam a atenção e pedem para não fazer se caso isso ocorra ela

chama os pais.

A2 - Sim os professores pedem para os alunos se respeitarem.

A3 - Sim.

A4 - Sim algumas vezes os alunos foram para diretoria e aconselhados a não repetir as suas atitudes.

De acordo com as respostas dos alunos pode se observar que a escola tem uma preocupação e chamar atenção dos alunos caso isso ocorra os professores chamam os pais para conversarem, e assim resolverem juntos os problemas.

Chalita (2008 p. 195) diz que:

Os pais cobram da escola. A escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola professe valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de, isoladamente erradicar a violência. Se a causa é a ausência de amizade, solidariedade e respeito entre as pessoas, então o primeiro passo é regatar essa parceria.

Diante disso cabe a todos, escola, família e sociedade unirem-se para que assim as coisas possam acontecer de maneira satisfatória, se não for possível acabar com a violência de uma forma geral, mas pelo menos que juntos possam amenizar a situação dentro do espaço escolar.

### **3.2.4 Maus-tratos de vítimas do bullying**

A1 - Fico muito chateada.

A2 - Eu fico triste quando eu sou maltratado, humilhado e não sou respeitado.

A3 - Sinto um misto de raiva e tristeza.

A4 - Sinto tristeza, me sinto humilhada e fico com muita raiva.

Diante das respostas dos alunos observa-se que a maioria não gosta de ser maltratado, já tem outro que sente prazer, cabe aos adultos a conscientiza-los de que não devemos bater, falar mal, maltratar, intimidar, as pessoas, e sim temos que sermos amigos.

### **3.3.5 Maus-tratos dos agressores de bullying**

A1 - Eu nunca maltratei meus colegas.

A2 - Eu nunca maltratei nenhum dos meus colegas.

A3 - Geralmente não faço isso, e se faço nem percebo e se a pessoa ficar triste eu peço desculpas.

A4 - Depois fico muito triste e culpada.

Diante das respostas dos alunos observa-se que a maioria não admite maltratar ninguém, apenas o aluno A4 foi contundente com sua resposta.

### 3.3.6 Confissões de vítimas de bullying

A1 - Sim sempre que alguém me faz algo de mau conto para minha mãe.

A2 - Sim por que se eu não contar para alguém, eu vou ser prejudicado.

A3 - Quando alguém me maltrata, tento não incomodar ninguém, de certa forma procuro resolver sozinha, pois se eu contar depois vai acontecer de forma pior.

A4 - Conto para meus pais ou responsáveis, pois eles devem saber o que se passa na escola.

Observa-se que os alunos quando são vítimas de alguém, eles sempre contam para um adulto, há aqueles que têm medo, e acaba não falando para o adulto.

A esse respeito Fante e Pedra (2008 p.122) diz que:

A criança deve buscar ajudar, conversar com os pais, professores, coordenadores escolares ou um colega sobre as vivências desagradáveis que tem sofrido na escola ou em qualquer outro ambiente, procurar não ceder às pressões do grupo e nem ficar em lugares isolados dos demais, para não facilitar a intimidação.

Por tanto os alunos devem procurar não ficar isolados diante de atitudes agressivas, deve-se falar para os pais, para algum adulto, para que este adulto tome alguma atitude.

Não devemos esquecer que o melhor caminho para vida é o dialogo, saber ouvir, saber respeitar o outro. Não devemos esquecer que nós, como sociedade, somos espelhos dessas crianças, eles refletem a nossa ação. Camargo (2010 p.97) diz que:

Um amigo é aquele que compartilha conosco os momentos bons e sabe nos acolher e nos escutar quando necessitamos. Precisamos ser este “bom amigo” para os nossos filhos, para que estes se sintam seguro e saibam que podem confiar em seus pais.

Por tanto é importante que saibamos conversar, escutar essas crianças, mostrando

segurança, escutar o que eles tem a dizer nos torna mais próximo delas, assim sem duvidas eles vão ter confiança nos pais, nos professores, nos adultos que os rodeiam.

### **4.3 Análise do questionário na visão do gestor**

Foi realizado um questionário com a diretora da Escola “Respeito”. Tendo o objetivo dessa coleta de dados saber como gestores pensam em relação ao bullying dentro do espaço escolar, a seguir relataremos as seguintes conclusões:

#### **4.4.1 Definição do bullying escolar**

Indagamos à diretora sobre a definição de bullying. A mesma deu a seguinte resposta:

**G1** – São as diversas formas de agressão no âmbito escolar como: (xingamentos, desprezo e até agressões físicas).

De uma maneira resumida a mesma mostra que compreende o que venha a ser bullying no ambiente escolar.

O conceito de bullying é definido por Fante (2005, p. 28), “como um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações de todo gênero. Para a autora, essas atitudes caracterizam-se pela repetitividade, pelo desequilíbrio de poder e pela violência que geralmente acontece sem motivo aparente”.

Diante concepção da autora, para que a ação se caracterize como bullying essa deve acontecer de maneira repetida, não sendo apenas um caso isoladamente.

#### **4.4.2 Como evitar o bullying no espaço escolar**

Quanto ao que deve ser feito para evitar o bullying no ambiente escolar, a diretora assim respondeu:



**G1** – Fazer palestras, oficinas e até mesmo conversa com os alunos.

Diante do que foi exposto, percebemos que a diretora se preocupa em evitar o bullying dentro da escola, tentando promover oficinas e palestras.

Diante disso a primeira coisa a ser feita é admitir que a escola é um local passível de bullying. Deve-se também informar professores e alunos sobre o que é o problema e deixar claro que o estabelecimento não admitirá a prática.

A escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade.

#### **4.4.3 Ações referentes aos alunos envolvidos em casos de bullying**

Quando questionada como agiria com os alunos envolvidos em caso de bullying, ela nos respondeu da seguinte maneira:

**G1** – No primeiro momento chamaria para uma conversa, caso persistisse, chamaria a família para uma conversa e até tomar atitudes mais enérgicas.

De certa forma chamar atenção apenas não adianta. O foco deve se voltar para a recuperação de valores essenciais, como o respeito pelo que o alvo sentiu ao sofrer a violência. A escola não pode legitimar a atuação do autor da agressão nem humilhá-lo ou puni-lo com medidas não relacionadas ao mal causado, como proibi-lo de frequentar o intervalo.

Já o alvo precisa ter a autoestima fortalecida e sentir que está em um lugar seguro para falar sobre o ocorrido.

Ainda é preciso conscientizar o espectador do bullying, que endossa a ação do autor. Devem-se trazer para a escola situações hipotéticas, como realizar atividades com trocas de papéis, são ações que ajudam a conscientizar toda a turma.

#### **4.4.4 A escola frente ao aluno desistente da escola por causa da vitimização bullying**

Ao questionar a diretora a respeito de como ela deveria agir quando os educandos faltam às aulas por serem vítimas de bullying, obtivemos o seguinte resultado:

G1 – Ir a busca desse aluno e tentar amenizar o problema.

#### **4.4.5 Conversa com os pais dos alunos envolvidos em bullying escolar**

Para finalizar, questionamos a ela de que maneira deveria acontecer uma conversa com os pais dos alunos envolvidos em bullying:

G1 – Tentar envolve-los para que o problema seja sanado, conversando com de uma forma calma e respeitosa.

Pode-se notar através da resposta da gestora que a mesma tem a consciência de que é preciso mediar à conversa e evitar o tom de acusação.

Muitas vezes, a escola trata de forma inadequada os casos relatados por pais e alunos, responsabilizando a família pelo problema. É papel dos educadores sempre dialogar com os pais sobre os conflitos seja o filho alvo ou autor do bullying, pois ambos precisam de ajuda e apoio psicológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos esses contextos, relatados até aqui, observa-se a grande importância das escolas juntamente com a família e a sociedade possam tomar algumas medidas e buscarem soluções que sejam capazes de prevenir o bullying.

Para que isso ocorra é preciso que todos se sensibilizem e se conscientizem que o bullying existe. Isso poderá ser feito através de discussões que avaliem essa problemática, é importante que os alunos participem. Assim no momento que todos tiverem conhecimento do fenômeno, eles irão se sentir seguros assim podendo se comunicar ao educador, caso ele venha ser vítima de bullying.

Observa-se que a escola, ao invés de ser vista como um local de aprendizagem e das primeiras interações com o outro, tem sido palco para o desenrolar da violência, gerando, muitas vezes, graves consequências no âmbito emocional, psíquico e comportamental das crianças. Pode-se dizer ainda que, a não superação dos traumas obtidos em decorrência dos atos de violência podem gerar diversos resultados, tais como, baixa autoestima, dificuldades de relacionamento e auto expressão, déficit de concentração e de aprendizagem e reprovação.

Todos os envolvidos, agressores, vítimas e espectadores na prática do bullying sofrem diante dessa situação. Por um lado, o agressor pode se valer dessa atitude agressiva para descontar no outro o que está vivendo em casa ou até mesmo por não ter a atenção e carinho que gostaria de receber dos seus genitores. A vítima, na maioria das vezes, sofre em silêncio, por medo de demonstrar covardia perante os outros amigos ou por temer represália. E por último, os espectadores não se manifestam, por medo de serem as próximas vítimas.

Diante dessa situação, podemos visualizar que todos sofrem, entretanto de formas diferentes, sem que a escola ou a família lhe deem o apoio necessário. Percebe-se que há um descaso em relação às agressões que tem ocorrido no ambiente escolar e, isso pode criar, no futuro, indivíduos, inseguros, apáticos, sem poder de decisão.

Outro aspecto importante que foi explanado e corroborado no transcorrer do na presente monografia é a parceria da escola juntamente com os pais, uma vez que a família é impulsionadora, através da educação que transmite para os filhos, das atitudes agressivas dos mesmos, quer seja porque são criados em um ambiente super protetor ou em um ambiente autoritário, fazendo com que os filhos agressores, sejam considerados como vítimas também, pois apenas estariam refletindo em outras crianças as situações vivenciadas em seus lares.

Vale mencionar que, a escola deve propiciar aos alunos um ambiente seguro, sadio

e saudável, onde o mesmo possa desenvolver suas habilidades intelectuais de forma prazerosa e eficaz. A escola, em consonância com as individualidades e histórico familiar de cada aluno, deve estar atenta para a adoção de estratégias mais adequadas em relação ao combate ou à prevenção da prática da violência em seu espaço físico.

Caso contrário, os alunos, desde a mais tenra idade, carregarão marcas irreversíveis provocadas pelas humilhações, rejeições gozações, perseguições a que foram submetidas em um dado momento de suas vidas.

Assim, para que a escola seja vista como um ambiente em que a violência ocorra em pequenas proporções deve-se ensinar as crianças a lidarem com suas emoções, para que assim propaguem comportamentos antiviolenos, ou seja, propagadores da paz.

Por fim, este trabalho monográfico deixa como legado para a experiência do pesquisador e como motivação para outros estudos, a percepção de que a violência nas escolas independe de classe social, cor, sexo ou religião. Em uma sociedade complexa como a atual, em que os valores ficam meio turvos e as referências para os jovens ficam difusas, a violência é uma das formas que a juventude tem para descarregar suas frustrações. Nesse contexto, é necessário que pais, educadores e todos os profissionais responsáveis pela formação das crianças e jovens, bem como o Estado, estejam preparados para lidar com os conflitos e atuem em conjunto para minimizá-los. Para isso, é necessário que cada um cumpra, com responsabilidade, o seu papel.

Temas dessa natureza, então, devem ser colocados em debate com frequência, para que se construa uma massa crítica que conduza a reflexões sérias sobre a importância do acolhimento das crianças e jovens no meio social.

A escola precisa ser um local seguro, tranquilo e agradável que permitirá à criança aprender a socializar-se, desenvolver responsabilidades, defender ideias e, acima de tudo, assumir uma autonomia própria. Porém, para a escola atingir tal objetivo, faz-se necessária a recuperação deste ambiente permitindo o desenvolvimento eficaz do processo de ensino aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. (1987). **Pensamiento y acción**. Barcelona. Ediciones Martínez Roca.(1987). Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/familia-bullying/>>. Acesso em: 07 Dez. 2011
- BASSO, I. S. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cadernos Cedes, v. 19, n. 44, p. 15-30, 1998.
- BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.8
- CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p.123-140, jan./jun.2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>>. Acesso em: 1 mai. 2007.
- CHALITA, G. **Bullying. O crime do desamor**. Profissão Mestre, v. 9, n. 99, p. 27- 37, dez.2007.Disponível <<http://www.construimoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1308>>. Acesso em: 8 mai. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da amizade Bullying: o sofrimento das vitimas e dos agressores/ Gabriel Chalita – São Paulo: Editora Gente, 2008.**
- CHERUBINI, Luciano. **Professoras são agredidas dentro da escola**. SPTV, 29 jun. 2007. Disponível em: <<http://sptv.globo.com/Sptv/0,9125,LPO0-6146-20070629-288844,00.html>>. Acesso em: 30 jun. 2007.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: ed. Cortez, 1991.
- DUARTE, Renato. **Efeitos da violência sobre o aprendizado nas escolas públicas da Cidade do Recife**. Recife: Massangana, 2006.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares**. São José do Rio Preto: Ativa, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.
- FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERREIRA, Racilda Maria Nobrega. **Orientações metodológicas para a estruturação dos**

**trabalhos acadêmicos:** construindo conceitos, produzindo conhecimentos e formando pesquisadores. Fortaleza: Premium, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HARGREAVES, A. **Ensino na sociedade do conhecimento**. Maidenhead: Open University Press, 2003.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ed Artmed, 2006.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed. 5. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying:** estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NETO, A.L. **Diga não ao bullying**. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004.

NOGUEIRA, R. A prática de violência entre pares: **o bullying nas escolas**. Revista Iberoamericana de Educación, v. 37, p. 93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: ed. Vozes, 2007.

PONTE, João Pedro. **O estado de caso na investigação em educação matemática**. Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/doentes/jponte/docs-pt/94-uadrante\(Estudo%20caso\).doc](http://www.educ.fc.ul.pt/doentes/jponte/docs-pt/94-uadrante(Estudo%20caso).doc)>. Acesso em: 14 de novembro. 2011.

PUPO, K. R. **Violência moral no interior da escola:** um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

ROBLES, H. S. M. **A brincadeira na educação infantil:** conceito, perspectiva histórica e possibilidades que ela oferece. Psicopedagogia Online. 2007. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=943>>. Acesso em: 20 out. 2007.

ROLIM, Maria José Esmeralda. **A violência nas escolas:** como prevenir e corrigir. Maria José Esmeralda Rolim – Recife: Libertas, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, E. et al. **Bullying: como lidar com nossas crianças e adolescentes?** 2007. Disponível em: <<http://www.graphein.com.br>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

SOUZA, Rose Mary de. Alunos põem supercola em cadeira de professora em Campinas. Estado de São Paulo, 3 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,alunos-poem-supercola-em-cadeira-de-professora-em-campinas,246857,0.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Normas e Técnicas para trabalhos acadêmicos**. Fortaleza, CE: UNICE, 2008.

## **APÊNDICES**





GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

#### APÊNDICE A: Questionário dos gestores

Prezado (a) gestor (a)

Sabendo que a pesquisa é a base de toda formação do docente, venho através deste questionário investigar por meio do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, afim de que possamos compreender as discussões sobre o bullying escola, para isso sua contribuição é de grande relevância para este trabalho.

Não é necessário identificar-se.

De já agradecemos a sua colaboração.

#### Questionário

01. Para você qual é a definição do bullying escolar?

---

---

---

---

---

02. Para você o que deve ser feito para evitar o bullying no espaço escolar?

---

---

---

---

---

03. Como você agiria com os alunos envolvidos em um caso de bullying?



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

04. Para você o que a escola deve fazer quando o aluno falta às aulas ou desiste da escola por causa da vitimização bullying?

---

---

---

---

---

05. Para você como deveria ser uma conversa com os pais dos alunos envolvidos em bullying escolar?



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

**APÊNDICE B: Questionário dos professores**

Prezado (a) professor (a)

Sabendo que a pesquisa é a base de toda formação do docente, venho através deste questionário investigar por meio do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, afim de que possamos compreender as discussões sobre o bullying escola, para isso sua contribuição é de grande relevância para este trabalho.

Não é necessário identificar-se.

De já agradecemos a sua colaboração.

**Questionário**

01. Para você qual é a definição do bullying escolar?

---

---

---

---

---

02. Na sua sala de aula já aconteceu ou acontece casos de bullying?

---

---

---

---

---

03. Para você qual o papel do professor em conflitos dentro e fora da sala de aula?

---

---

---

---

---

04. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying pode trazer consequências para os alunos envolvidos?



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

---

---

05. Como deve ser a reação do professor diante de casos de bullying?

---

---

---

---

06. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar bullying na sala de aula?

---

---

---

---

07. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

APÊNDICE C: Questionário dos alunos

Prezado (a) aluno (a)

Sabendo que a pesquisa é a base de toda formação do docente, venho através deste questionário investigar por meio do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, afim de que possamos compreender as discussões sobre o bullying escola, para isso sua contribuição é de grande relevância para este trabalho.

Não é necessário identificar-se.

De já agradecemos a sua colaboração.

**Questionário**

01. Para você qual é a definição do bullying escolar?

---

---

---

---

---

02. Você já observou atitudes agressivas, adotadas por um ou mais estudantes contra o outro? Conte como foi.

---

---

---

---

---

03. Você notou se algum professor ou diretor toma alguma atitude diante dessa situação?



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

04. Como você se sente quando é maltratado?

---

---

---

---

05. O que você sente ao maltratar um amigo de classe?

---

---

---

---

06. Quando você é maltratado, você conta para algum adulto? Por quê?



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM NORMAL SUPERIOR



PARNAÍBA – PI

**APÊNDICE D: Diário de bordo**

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_\_

Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_ Carga Horaria: \_\_\_\_\_

**OBSERVAÇÕES**

1. Descrever o cotidiano da sala de aula.

---

---

---

---

---

2. O comportamento dos participantes.

---

---

---

---

---

3. Como os professores trabalham o tema em questão.

## APÊNDICE - E

### ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO

LOCAL: \_\_\_\_\_  
 MODALIDADE DE ENSINO: \_\_\_\_\_  
 SUJEITOS DA PESQUISA: \_\_\_\_\_  
 PERÍODO: \_\_\_\_\_

Nº VISITAS	DATA	ATIVIDADE REALIZADA
1ª	__ / __ / __	- Apresentação do pesquisador à direção da escola - Entrega do encaminhamento à direção - Apresentação do trabalho à direção/coordenação e aos professores envolvidos - Delimitação da data da primeira observação
2ª	__ / __ / __	- Observação da prática docente no que diz respeito ao fenômeno bullying no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Relatório da aula no diário de bordo
3ª	__ / __ / __	- Observação da prática docente no que diz respeito ao fenômeno bullying no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Relatório da aula no diário de bordo
4ª	__ / __ / __	- Observação da prática docente no que diz respeito ao fenômeno bullying no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Relatório da aula no diário de bordo
5ª	__ / __ / __	- Observação da prática docente no que diz respeito ao fenômeno bullying no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Relatório da aula no diário de bordo
6ª	__ / __ / __	- Observação da prática docente no que diz respeito ao fenômeno bullying no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Relatório da aula no diário de bordo
7ª	__ / __ / __	- Aplicação de questionário com os professores das turmas observadas - Aplicação de questionário com o gestor da escola - Aplicação de questionário com os alunos das turmas observadas





GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA  
PLENA EM NORMAL SUPERIOR



**Anexo - A**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ilustríssimo (a) Senhor (a) Diretor (a) da Escola

---

Apresentamos a esta instituição de ensino o acadêmico **Fabrizio Freitas dos Santos**, graduando do 6º período do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, para que possa desempenhar sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Kelly Cristina Vaz de Carvalho, atividades referentes à pesquisa de campo a qual integrará o processo de elaboração da dissertação monográfica do referido acadêmico. Informamos que projeto de investigação em pauta será realizado mediante os seguintes procedimentos: aplicação de questionário e observação da prática docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Certos de que esta atividade compreende um processo de troca de experiências entre a Universidade (lócus de formação teórica) e a Escola (lócus de formação teórico-prático), favorecendo a percepção e análise da realidade escolar como princípio educativo no estabelecimento da relação trabalho e educação, e tendo em vista sua valorosa colaboração antecipamos votos de estima e agradecimento.

Parnaíba, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

---

Profº Dr. Filipe Augusto G. de Melo  
Coordenador do Curso Normal Superior – UESPI

UESPI

ANEXO - B

Carta de uma aluna do 5º ano do ensino fundamental com faixa etária de doze anos vítima de bullying por suas colegas.

09.09.11

Para Papai  
Oi tia, estou escrevendo  
esse bilhete para te pedir  
ajuda, pois tenho vontade  
muito muita, porque as  
meninas todas as dias tem  
me chamado de cabelo de  
sassarão, eu não peço para  
te esse cabelo assim e não  
mãe não tem condições de  
pagar uma cabeleira para  
alça o meu cabelo, eu não  
acho que ela faria, pois ela  
me ama muito. Peca para  
as meninas pararem de me chamar  
os outros, isso deixa a gente  
muito triste, mas pelo amor  
de Deus não diga que fui  
eu.

Eu só quero ir para escola  
aproveitar e me sentir alegre  
como todo mundo.